



  
**UFRGS**  

---

**PROEXT**  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

**CMET  
PAULO  
FREIRE:**

30 anos de educação



**CMET**

**Paulo Freire:  
30 anos de  
educação.**

Acesse a revista na íntegra em:  
[bit.ly/CMET\\_30anos](http://bit.ly/CMET_30anos)

- 06** **COMPARTILHAR**  
*Breve histórico sobre o Programa Compartilhar*
- 06** **CMET NO TEMPO**  
*CMET Paulo Freire: 30 anos de vidas*  
Ana Clara Grassi, Cristina Araujo Popoviche e Dione Detanico
- 08** **A DIREÇÃO**  
*Por uma poética dos saberes*  
Paulo André Passos de Mattos e Rosane Salete Ribeiro Pereira
- 11** **EXPERIÊNCIA**  
*Caminhos cruzados: um entrelaçar entre o ensinar e o aprender*  
Andréa Roca Lauermann
- 14** **SALA DE INCLUSÃO E RECURSOS**  
*O cotidiano da SIR*  
Lenira Senna Rodrigues e Simara Penha Farias
- 19** **ESPAÇO VERDE**  
*Vivência Plantas Medicinais e Artes no Espaço Verde do CMET Paulo Freire*  
Linda Naura Macedo Silva e Marta Inês Schneider
- 22** **O IMPACTO DO CMET**  
*"O que o CMET significa pra você?"*  
Os estudantes
- 25** **A NUTRIÇÃO**  
*Você tem sede de quê?*  
Equipe de Nutrição CMET
- 26** **GALERIA**  
*Fotos históricas e atuais do CMET Paulo Freire*  
Diversos autores
- 35** **AValiaÇÃO E PPP**  
*Avaliação da aprendizagem na EJA: pela autonomia dos educandos*  
Karina Luckaszski Conrado

40

## **BIBLIOTECA**

*Biblioteca, 30 anos*

Cintia Zimpel e Cristina  
Popoviche

43

## **BIODANZA**

*Vivência Corpo e  
Afetividade: Biodanza dentro  
do CMET Paulo Freire*

Carla Patrícia Núñez e Sônia  
Marly Porciúncula

47

## **CRÊSER**

*CRÊSER: Aprendizagens  
compartilhadas em um  
espaço não escolar.*

Edson Ribeiro Biondo, Fátima  
Pilotto, Hilário Bichels, Lúcia  
Barth e Moacir Chotguis

53

## **CMET E A MÚSICA**

*Educação Permanente ao  
longo da vida: realizando  
sonhos musicais no CMET*

Leandro da Silva Rodrigues

57

## **TEATRO**

*O ensino do teatro em  
conexão com o audiovisual*

Tatiana Raquel B. Greff

61

## **JUSTIÇA**

*O pressuposto do que é  
justo: uma perspectiva  
freiriana*

Marco Antônio Pires de Oliveira

63

## **VOZ E LIBERDADE**

*Educação, Comunicação,  
Liberdade: as muitas vozes  
do CMET Paulo Freire*

Clarinha Glock

65

## **RADIOWEB**

*Abrindo maletas: a  
Radioweb e a reinvenção de  
Paulo Freire através das  
vozes de estudantes*

Cristina Popoviche

67

## **O ATO DE LER**

*Sobre leituras e afetos*

Vanessa Castro e Elmar Soero de  
Almeida

# Editorial

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire comemora 30 anos de história em 2019. Sua contribuição na luta por uma educação de qualidade para todos deve ser exaltada em tempos de ameaças às liberdades.

Citando Paulo Freire, "Não se pode falar de educação sem amor" e é exatamente esse amor e essa paixão que encontramos no CMET. Amor pela educação, pelo próximo e por melhorar vidas através do conhecimento. Os textos e artigos contidos nesta revista abordam as atividades exercidas no CMET Paulo Freire e um pouco de sua trajetória ao longo desses 30 anos. Com apoio dos projetos de extensão Aluno Pesquisador e Informática e Comunicação da UFRGS e auxílio da direção, professores, funcionários e alunos, uma grande equipe foi formada para que esse material ganhasse vida e para que outras pessoas pudessem conhecer mais do trabalho que é realizado dentro do Centro.

# Programa Compartilhar

O Compartilhar é um programa da prefeitura de porto alegre que oportuniza a escolarização dos servidores públicos municipais no Ensino Fundamental e Médio. O Programa Compartilhar é coordenado atualmente pela Secretaria Municipal de Educação, através do CMET Paulo Freire, Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e pelo Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE).

O Programa Compartilhar iniciou como projeto em 1989, com a proposta de Alfabetização e implantação de duas turmas do ensino básico no DMLU e, em 1994 foi organizado o 1º Seminário de Avaliação do Projeto de Alfabetização, com a coordenação do SEJA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos/SMED). Em 1995, o SEJA organizou o 1º Encontro de funcionários da PMPA, que participavam do Programa de Alfabetização e também o 1º Seminário de Chefias, para sensibilizá-los para a participação. Nasceu o Projeto CRESCER, incrementado com a proposta de Biblioteca Itinerante. Em 1997 os servidores participam dos CES (Centro de Estudos Supletivos). Em 1998/99 os funcionários interessados foram encaminhados ao CMET - O Centro Municipal de Educação do Trabalhador Paulo Freire, já no ano de 2000 o projeto de alfabetização amplia as parceiras com outros Departamentos e Secretarias e o Projeto de escolarização denomina-se COMPARTILHAR. A partir de 2001 intensifica-se a aproximação com a SMED/SEJA, qualificando ainda mais o planejamento, gradativamente incluindo Totalidades Iniciais, T1, T2 e T3 e Totalidades Finais T4, T5 e T6 do Ensino Fundamental. Em 2006 foi estendido para o Ensino Médio, organizado por um grupo de trabalho das secretarias e departamentos (SMA/SMED/DMAE/DMLU e DEMHAB), com a parceria da Secretaria Estadual de Educação/NEEJA. O

Ensino Fundamental é certificado pelo Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire.

O Ensino Médio é certificado pelo Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos. O NEEJA disponibiliza apostilas, que são utilizadas pelos professores para planejar suas aulas e preparar os alunos para a realização das provas, realizadas nas dependências do NEEJA.

# CMET Paulo Freire: 30 anos de vidas

Ana Clara Grassi  
Cristina Araujo Popoviche  
Dione Detanico

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire comemora no ano de 2019, seus 30 anos de trabalho com a Educação de Jovens e Adultos em Porto Alegre. Atualmente, é uma instituição única – na oferta de EJA, nos três turnos – dentro da perspectiva da educação popular e ao longo da vida.

O CMET Paulo Freire teve seu início no ano de 1989, em quatro salas de aula, nos altos do Mercado Público de Porto Alegre, funcionando nos três turnos. Em 1990, o Mercado Público foi reformado e, por isso, as turmas foram deslocadas para diferentes espaços da nossa cidade: Câmara Municipal de Porto Alegre (1991); INSS (1991 – 1993); Cia. União de Seguros (1992); Faculdade de Educação da UFRGS (1993); salas na Rua General Vitorino (1992 – 1999); Escola Porto Alegre (1995-1999); prédio na Rua Jerônimo Coelho, conquistado via Orçamento Participativo (2000-2012). Depois de tantas casas, mudou-se definitivamente para a Rua Santa Terezinha, 572.

A mudança para o novo local, onde antes funcionava o Colégio Santa Rosa de Lima, possibilitou a ampliação gradativa da oferta de vagas, assim como a diversificação de projetos e realização de sonhos, confirmando que o CMET Paulo Freire é um centro de formação de pessoas, como foi planejado no Projeto Político Pedagógico que visa à construção plena da cidadania, a construção da autonomia moral e intelectual e a educação como direito de todos.

Diante disso, a instituição se consolida como referência na educação permanente de jovens e adultos, atendendo alunos oriundos de Porto Alegre e Região Metropolitana e pessoas da comunidade que são alunos do nosso Centro Musical e grupo de teatro “Amadores do Palco”. Também amplia as parcerias com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, possibilitando estágios curriculares, assim como, ofertas de oficinas aos nossos alunos nas sextas-feiras.

Além disso, o CMET mantém duas extensões: a Cooperativa CrêSer e o Projeto Compartilhar, este último, numa coordenação conjunta com o DMAE e DMLU, que oportuniza a escolarização dos funcionários municipais, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio.

Desde o ano de 2018, o CMET Paulo Freire tornou-se parceiro do Ministério Público da Infância e da Juventude, financiado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) na realização de um grande sonho: a implementação de Cursos Profissionalizantes ministrados por professores do SENAC (Serviço Nacional do Comércio), direcionados, principalmente, aos nossos alunos em situação de risco e abrigados. Os cursos oferecidos são: Corte de cabelo e barba - básico e avançado; Manicure - básico e avançado e Maquiagem. Além do conhecimento específico de cada curso, os alunos recebem suporte de materiais ao final do processo e o certificado de conclusão para ingressar no mercado de trabalho.

As Vivências Pedagógicas, que também iniciaram em 2018, ocorrem nas sextas-feiras e são ministradas pelos professores, rompendo com o currículo formal, visando ainda mais o protagonismo de nossos alunos. São experiências únicas e variadas, nas quais os alunos optam a partir de seus interesses e necessidades. De um total de 24 Vivências, neste segundo semestre, podemos citar algumas: "RadioWeb", "Tecendo Histórias com Fios", "Viver Bem em Todas as Idades", "Leitura Além do Texto", "Xadrez", "Plantas Medicinais e Artes", "Arte Urbana: Pintura Mural", "Vivência em Matemática", "Pablo Neruda", "Prática de Bandas", entre outras, que nos movem a conceber, de novas formas, o ato de ensinar e aprender.

Enfim, são 30 anos de um intenso e amoroso trabalho na formação de pessoas, de alfabetização, de desafios e muita superação, tanto por parte dos alunos como dos professores, pois sempre estivemos lado a lado neste processo, na busca de um mundo melhor, mais humano. Esse é o nosso compromisso: com a formação do trabalhador, dos jovens, das mulheres, dos desempregados, enfim, de todos que, em algum momento, ficaram do lado de fora do processo de escolarização e que, através deste centro têm a possibilidade de retomar projetos de vida, descobrir novos sonhos e reconhecer o seu lugar na sociedade.

# Por uma poética dos saberes

Paulo André Passos de Mattos[1]  
Rosane Salete Ribeiro Pereira[2]

De certa forma um dado mundo até pouco tempo vivido se fragmenta, dissolve-se, perde-se. Movimentos peristálticos infames rompem equilíbrios tornando difícil o estar em pé. Processos violentos de desterritorialização extraem os contornos das coisas e jogam para territórios estranhos, bizarros, conservadores na atualização de linhas duras para o controle de corpos e mentes. Não mais pensar, não mais falar, não mais sentir, não mais amar. Será este o mundo que se configura? É preciso urgentemente produzir linhas de fuga, flexíveis e fugidias o suficiente para não serem facilmente capturadas. Linhas loucas, revolucionárias, invisíveis na fabricação de mundos para o ato de pensar. Não qualquer pensar, mas um infinitivo, um aberto criativo no rompimento das fronteiras que controlam e estratificam o pensamento.

É esse o desafio para o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET) Paulo Freire, não somente uma escola, mas um Centro que se coloca num campo específico – o da educação popular, no acolhimento de jovens, adultos e idosos cujas vidas escolares foram interrompidas pelas circunstâncias num dado tempo – um território possível para aqueles que foram excluídos dos processos de ensino e que se configura entre o “currículo formal” e o “currículo permanente ao longo da vida[3]” deslizando além das formas escolares tradicionais. Trama de forças vivas marcada pelo acolhimento da multiplicidade de gestos, sons, cores, classes e gêneros que compõem a vida.

Mundos contidos num espaço vibrátil, necessariamente disforme cujos contornos se fazem e desfazem continuamente fabricando linhas em movimento – retas, curvas, duras, lisas, estriadas. Ora se aglutinam, ora se bifurcam, ora se quebram. Não raramente produzem platôs – territórios para

---

[1] Professor de História (UFPEL) e Mestre em Educação (UFPEL), nesse momento diretor do CMET Paulo Freire, Gestão 2017/2019.

[2] Professora de Ciências (UFRGS), Especialista em Educação Ambiental (UNILASALLE) e Projetos Sociais (UFRGS). Nesse momento vice-diretora do CMET Paulo Freire, Gestão 2017/2019.

[3] O Currículo do CMET Paulo Freire denominado Educação Permanente ao Longo da Vida contempla os princípios e a estrutura da EJA. Organiza-se por Totalidades do Conhecimento, fundamentais na construção de conceitos, na educação inclusiva, na avaliação emancipatória e em cursos e oficinas periódicas indo além dos muros da escolarização (PPP do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores, p. 01, aprovado em 2018.)

Duma poética da criação inspirada aqui nos processos de aprendizagem freirianos. Fios que fabricam as sextas-feiras no CMET Paulo Freire, potência para produção de saberes e fazeres.

Tambores irrompem atravessando portas e paredes, afrontando o silêncio das coisas, em meio a isso uma voz pop ou sertaneja ecoa; um cão terapeuta ladra tratando das mazelas humanas; tesouras e máquinas cortam barbas e cabelos, unhas e rostos se fazem coloridos; fuxiqueiras e tecelãs cortam tecidos, tecem e dividem vidas; corpos se jogam ao som da corda de um berimbau, outros somente circulam dançando vidas ou alongam-se num cuidado de si; existe ainda aqueles que correm disputando pequenos objetos circulares e os que se movimentam entre terras e folhas apreendendo suas formas, aromas, sabores e curas; histórias se contam e se fabricam em texto, imagem e som; uns se vestem de reis e rainhas, bispos e peões numa batalha marcada pelo pensamento. Por fim, não se pode esquecer dos exploradores das ciências na apropriação de seus métodos e formas, sem, contudo, abrir mão de suas dimensões éticas e estéticas.

Personagens de diferentes idades, tempos, cores e inteligências, alguns ditos "normais", outros nem tanto, alguns nem um pouco, configuram e reconfiguram, com suas trajetórias, as sextas-feiras do CMET em suas três propostas: as vivências pedagógicas, as oficinas e os cursos profissionalizantes. Dia de desfazimentos, sejam dos contornos disciplinares como das turmas, uma vez que o estudante escolhe o que fazer.

As vivências pedagógicas são oferecidas pelo quadro docente do próprio CMET e ocorrem no primeiro bloco de atividades (antes do intervalo). Proposta na qual os professores se despem de seus componentes curriculares operando com saberes das artes, corpo, literatura, artesanaria entre outros. São espaços interdisciplinares nos quais todas formas de conhecimento têm igual importância. Os professores descolados de seus campos disciplinares dão voz a fazeres diferentes daqueles que a academia lhes autorizou a navegar: a professora de espanhol pinta, a professora de português dança, a professora de educação especial, trabalha o corpo e a mente entre outras. Espaço também de descoberta pelos alunos de saberes que rompem com uma lógica utilitarista: arte, vida e corpo envolvem saberes que os alunos já construíram

nas suas trajetórias de vida e que lhes permite grande desenvoltura para transitar por muitas áreas com sucesso, mesmo que a escrita ainda lhes represente um desafio. Então, a escola que o reconhece como capaz de aprender e de ensinar, também pode ser aquela que vai caminhar com ele na conquista do código escrito.

Na mesma perspectiva, as oficinas, embora também tenham professores do quadro, são em sua maioria, ministradas por estagiários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), no segundo bloco, através de parecerias com estas instituições de Ensino.

Por fim os cursos profissionalizantes, Manicure, Maquiagem e Barba e Cabelo compreendem os dois blocos, e são frutos de uma parceria entre o CMET, Ministério Público da Infância e Juventude de Porto Alegre e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), que certifica os cursos e fornece os professores e materiais com financiamento da Organização Internacional do Trabalho (OIT)[4].

Às sextas-feiras vêm se construindo como um espaço no qual o educando é autônomo na escolha de suas aprendizagens e como um currículo que se faz com o outro – composições entre diferentes áreas de conhecimento e instituições que se afetam promovendo encontros que potencializam outras leituras de mundo. As sextas-feiras são fruto de uma intencionalidade desta gestão – o de dar corpo ao sonho de uma educação que atingisse não somente um grupo, mas todos que compõe o Centro – jovens, adultos, idosos, alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs), tornando-as densamente povoadas. Ainda um desafio frente a setores da sociedade, hoje dominantes, que atualizam práticas que procuram negar a diversidade e a multiplicidade da vida. Não sem resistência, pois cotidianamente se fabrica no CMET linhas de fuga: flexíveis, loucas, revolucionárias que defendem os princípios de uma educação popular e não excludente no qual ética, arte, vida e saberes são indissociáveis.

---

[4] Financia os cursos profissionalizantes do CMET, sendo essas verbas responsáveis pelo pagamento dos professores e coordenadores do SENAC- RS, além dos materiais didáticos e um Kit de trabalho que é oferecido a cada estudante formado para que possa se inserir no mercado de trabalho tendo seus próprios instrumentos (tesouras, máquinas de corte e barba, alicates, pincéis entre outros).

# Caminhos cruzados: um entrelaçar entre o ensinar e o aprender

Andréa Roca Lauermann [1]

No mesmo 1989, em que a SMED inicia uma política pública para a educação de jovens e adultos, cujo nome inicial seria Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA), cria-se também o Centro Municipal de Educação de Trabalhadores (CMET) Paulo Freire, como um centro para oportunizar e promover o convívio e a aprendizagem daqueles sujeitos que, de certa forma, foram excluídos, não podendo estudar no período que lhes fora indicado. Nesse mesmo período, eu recebia o diploma de professora pelo Instituto de Educação.

Iniciei minha caminhada trabalhando com a educação infantil e com o ensino fundamental, sempre amando tudo o que fazia e aprendendo junto a eles. Cada série trabalhada era um novo desafio, mas foi em 2015, depois de 26 anos convivendo com crianças e adolescentes que conheci a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e foi no CMET que confirmei que a escola pública tem tanta qualidade quanto às demais e associei a tão desejada escola da Ponte, que existe em Portugal, a essa escola em Porto Alegre, pois aqui, presenciei a alegria e o gosto dos alunos pelos estudos. Nessa escola, além das atividades do currículo formal, temos o currículo ao longo da vida que engloba atividades de socialização, do cotidiano, de recreação e de vivências pedagógicas e oficinas. As salas de aula são temáticas por disciplina e os alunos são quem circulam até elas conforme o horário da aula, um pouco da escola da ponte estava aqui.

Iniciei no CMET como professora volante, o que para secretaria municipal de educação (SMED) deveria ser um trabalho de apoio ao aluno e professor, no entanto, com a falta de recursos humanos na escola, esse cargo acaba sendo de professor substituto. Isso me fez lembrar um dia que fui dar aula para totalidade 5 (T5) equivalente ao 8º ano, onde ali haviam muitos alunos com deficiência intelectual e que me receberam com palmas, foi então que me

---

[1] Supervisora pedagógica do Cmet Paulo Freire, Mestranda de políticas e administração escolar, Licenciada em Letras Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Professora dos anos iniciais do ensino fundamental.

questionei: - O quê faz esse alunos gostarem tanto de mim? O quê os faz querer minhas aulas? E então descobri que a resposta estava no afeto, na empatia, no sorriso que carrego no rosto diariamente, no abraço que dou, na escuta que faço e na atenção que disponibilizo.

E, a partir de 2015, me transformei como pessoa e como professora, adorando meu local de trabalho, a união entre os colegas, o respeito ao próximo, pois CMET sempre foi uma escola de fibra, de luta, de respeitar as diferenças. Enfrentei tempos difíceis, mas não foi aqui dentro, mas sim, na sociedade, no medo que acabassem com a EJA, na tristeza com as perdas da carreira do magistério conquistadas por nossos pares, na decepção pela perda da eleição dos candidatos à presidência que representassem as classes populares, as diversidades... Pensei em um 2019, que mais parecia um 1964. Temia pelo nome da nossa escola, uma vez que Paulo Freire estava sendo tão atacado, mas tive forças para continuar, após ouvir uma aluna de 83 anos que me disse: - "Professora, eu estou aprendendo a ler, agora, ninguém mais vai falar do Paulo Freire." Se nessa simplicidade ela lutaria (não sei se aos ataques da EJA e da escola pública ou da escola CMET Paulo Freire ou do nosso mestre), como eu ficaria de fora, suas palavras fizeram-me voltar à batalha e concluir que meu papel é defender a escola pública de qualidade, a educação para todos, o direito de ser diferente e de ser tratado por igual, de ministrar minhas aulas ou auxiliar meus colegas no serviço de orientação pedagógica, setor que estou atuando no momento. Então, retorno com força e, hoje, estou aqui organizando esse seminário, a fim de ampliar esse exército de defensores da educação freireana, pois é nela que acredito, é na amorosidade, no diálogo, no afeto e no sonho e esperança que teremos novas conquistas. Necessita-se acreditar no outro e mover ações que possibilitem a transformação no educando e no educador.

É vivendo, não importa se com deslizes, com incoerências, mas disposto a superá-los, mas com a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuo para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem

medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece , (FREIRE,1997,p.42).

Sempre escutamos que não há fórmula para ensinar, que não há receita pronta, mas meus 30 anos a serviço da educação, me permitem ousar, dizer que a solução está no afeto, no planejamento partindo do interesse e da necessidade dos nossos educandos, no exercício de uma avaliação contínua e emancipatória e que devem seguir os princípios da EJA, os quais constam em nosso projeto político pedagógico ( PPP):

A Construção plena da cidadania  
A Transformação da realidade  
A Construção da autonomia moral e intelectual  
A Educação como direito de todos ( PPP, p.15).

E, para finalizar, deixo aqui a certeza de que o legado de Freire é o que nos dará força e coragem para prosseguirmos.

### **Referências:**

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho D'água,1997.

PAULO FREIRE, Cmet. **Projeto Político Pedagógico**. Porto Alegre, 2017.

# Revisitando as concepções sobre a deficiência até a SIR EJA do CMET Paulo Freire

Lenira Senna Rodrigues [1]

Simara Penha Farias [2]

Ao longo da história, desde a idade antiga, pessoas que nasciam com alguma deficiência eram exterminadas por serem consideradas como demônios ou divindades malignas. Na idade média eram considerados loucos, imbecis tratados em hospitais e asilos. Já na idade moderna a concepção de deficiência tem origem do modelo médico, classificatório, inicia uma forte noção de doença, medicação, tratamento e na idade contemporânea inicia as oportunidades educacionais, trabalho, integração social e os direitos da pessoa com deficiência.

O que se percebe é que a humanidade infelizmente sempre expos a sua discriminação, como a sua contestação a todos que fugirem dos padrões por eles estabelecidos como correto e pior que a maioria passou a aceitar e a defender essa ideia como se fosse algo eficaz, mesma que ela ferisse, discriminasse, ou até eliminasse os outros seres humanos. (CORRENT, 2019,P.7).

Infelizmente por muitas gerações as pessoas com deficiências foram discriminadas consideradas fracassadas, inúteis pela sociedade.

Percebemos que a história depois de muitas lutas, mortes, estigmas, segregação, as pessoas com deficiência conquistaram alguns espaços na sociedade. Surgiram leis, para que a sociedade respeitasse as diferenças, os direitos preservados e políticas públicas inclusivas no que diz respeito ao acesso, a permanência e a aprendizagem dos deficientes e autistas em classe comum, com o apoio de serviços, como as salas de recursos.

---

[1] Professora da SIR EJA CMET Paulo Freire; Formação em: Pedagogia em Educação Especial/DM –PUCRS; Pedagogia Anos Iniciais-PUCRS; Mestrado em Educação-PUCRS; Especialização em Psicopedagogia; Especialização em Gestão Escolar/PUCRS; Especialização em Orientação Educacional; Especialização em Pedagogia Empresarial/PUCRS.

[2] Professora da SIR EJA CMET Paulo Freire; Formação em: Pedagogia em Educação Especial/DM –PUCRS; Especialização em Educação infantil/UFRGS

Nesse sentido, em 2010 a sala de inclusão e recursos (SIR) foi implantada no CMET (Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores) Paulo Freire, pois historicamente possuía uma demanda significativa de alunos com deficiência e autismo com e sem comorbidades que atualmente estão em torno de 110 alunos registrados no SIE (Sistema de Informações Educacionais).

Então, a SIR no CMET Paulo Freire foi criada em 2010 para o atendimento dos seus alunos e em 2016 para atendimento aos alunos da EJA matriculados da rede municipal, tornando o CMET Paulo Freire uma escola pólo. Seu público alvo são alunos com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades.

Estes alunos oriundos das escolas regulares da rede municipal e estadual do ensino fundamental, das escolas especiais, alunos abrigados, de FASE (Fundação de atendimento sócio-educativo) e alunos sem escolaridades.

Diferente do que muitos pensam, o foco do trabalho não é clínico, e sim, pedagógico, pensando em uma educação inclusiva, para todos. O atendimento na SIR é um serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso de alunos com altas habilidades) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional, assegurando aos estudantes público-alvo da Educação Especial o acesso ao processo de escolarização em igualdade de oportunidades, eliminando barreiras para a plena participação, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, o trabalho diário da SIR é bastante dinâmico, pois demanda estudo, parcerias, empatia, afetividade, planejamento, um trabalho colaborativo, pois o aluno com deficiência precisa de ações pedagógicas diferenciadas, desenvolvendo suas habilidades. Os alunos quando indicados para o atendimento na SIR, é realizada uma avaliação que pode levar em torno de oito encontros. Quando constatado que este é público alvo é realizado seu PDI (Plano de desenvolvimento Individual) que irá levar em conta as necessidades e habilidades dos alunos e organizar os atendimentos que podem ser individual ou em grupo.

O trabalho colaborativo e de parceria do professor da SIR com os professores

referências é muito importante para obter sucesso na aprendizagem do aluno com deficiência. Segundo Serra (2006) professores do ensino regular e da educação especial deveriam relacionar-se como aliados em busca dos mesmos objetivos e não como "detentores" de um saber direcionado unicamente à sua área de atuação. Portanto, nós da SIR e os professores precisamos trabalhar juntos buscando novas formas de atuação e que vá ao encontro as necessidades dos alunos com deficiência.

Percebemos com a prática e com estudos que não existem receitas prontas, todavia o trabalho colaborativo com os professores e o vínculo afetivo com os alunos mostram-se como premissas para que dê certo os processos de inclusão.

Segundo Vygotski (1994, p. 75) destaca a importância das interações sociais, afirmando que a construção do conhecimento ocorre a partir da interação, da socialização e da afetividade que tem um importante papel.

Outro grande educador que pontuava o processo de afetividade é Paulo Freire. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, Freire (1999, p.148) fala sobre a importância dos pequenos gestos, palavras e olhares de respeito com seu aluno adolescente. Além disso, o trabalho em equipe contribui para a redução do isolamento dos professores para a resolução de problemas, fortalecendo as relações. Na prática o trabalho na SIR implica criar uma dinâmica de trabalho colaborativo para o estabelecimento de redes de apoio. Jesus (2007, p.42), salienta que o trabalho em equipe contribui para o bem-estar no domínio profissional, o fornecimento de apoio ou suporte social, a convergência nas estratégias utilizadas para a resolução de problemas.

Ressaltamos também que o trabalho da SIR também é planejar, produzir e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade de acordo com a necessidades específicas para o atendimento na SIR/AEE e de acompanhar os processos inclusivos dando suporte aos professores, estagiários e monitores quando houver na escola. Realizar formações com os professores, sobre estudos de caso, adaptação curricular e outros temas do interesse dos professores relacionados ao aluno com deficiência, pois as necessidades específicas apresentadas pelos alunos com deficiências geram a necessidade

de flexibilizar tempos, espaços e práticas pedagógicas, um currículo aberto e flexível. Segundo Rodrigues (2011) existe a necessidade das escolas conceberem espaços para formação de professores, pois é um processo de autoaprendizagem, autorealização e reflexão sobre as suas práticas.

Realizamos também um trabalho integrado de assessoramento ao serviço de orientação pedagógica da escola, relacionados ao público alvo da SIR, articulando em conjunto os encaminhamentos da saúde, assistência social, órgãos de proteção à infância e adolescência e também na orientação com as famílias, abrigos, instituições e na participação de interconsultas dos seus alunos em atendimento na SIR, realizando contatos com a área da saúde e assistência social. Outro aspecto que pontuamos nesta parceria é o preparo e encaminhamento dos alunos formandos com deficiência. A demanda do trabalho do professor da sala de inclusão e recursos é também participar dos conselhos de classe e providenciar os encaminhamentos solicitados, junto com o SOE E SOP, além de manter atualizada a lista de alunos no Sistema de Informações Educacionais (SIE) e os documentos, pareceres e registros dos alunos atendidos na SIR.

O trabalho na SIR é dinâmico, com muitas demandas importantes. Com relação ao atendimento ao aluno com deficiência intelectual e autismo é importante desenvolver habilidades de comunicação, autonomia, iniciativa, memória, orientação temporal, espacial, sequencia lógica. Construir aprendizagens de conceitos e de organização de pensamento do aluno. Visto que, a deficiência intelectual traz dificuldades de compreender ideias complexas, prejuízo na memória, atenção e raciocínio e o autismo dificuldades de comunicação e de relações sociais. Ambos precisam de tempos diferentes para aprender. Utilizar jogos pedagógicos é um bom recurso para desenvolver habilidades, pois amplia as estruturas mentais e de pensamento. A música, celular, computador, jornais e jogos envolvem o interesse dos alunos podendo ajudar nos conteúdos trabalhados na sala comum, desenvolve habilidades, integração, senso crítico. Para Santos (1997), "A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão, pois facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, e a construção do conhecimento". (SANTOS, 1997, p.12). Percebemos que o jovem, o adulto e o idoso gostam de brincar. Não existe idade para tal, pois o lúdico é inato ao ser humano.

Portanto, o trabalho que desenvolvemos na SIR pretende que o aluno com deficiência e/ou transtorno global de desenvolvimento avance na aprendizagem, tenha autonomia, resgate sua autoestima, melhore suas relações sociais, sentindo-se incluído no contexto escolar. Lembramos que a inclusão do aluno com deficiência ou transtorno global de desenvolvimento não é somente responsabilidade do professor especializado da SIR, mas de toda a escola.

Referências:

CORRENT, Nikolas. **Da Antiguidade a Contemporaneidade: A Deficiência e suas Concepções.** Disponível em: [https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas\\_corrent\\_educacao\\_especial.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas_corrent_educacao_especial.pdf) > .Acesso em: outubro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JESUS, Saul Neves. **Professor sem stress: realização profissional e bem-estar docente.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

RODRIGUES, Lenira Senna. **Do mal-estar ao bem-estar docente: uma análise de caso Argentina e Brasil.** 2011. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Santa Marli P. **O Lúdico na Formação do Educador.** Petrópolis. Ed. Vozes, 1997.

SERRA, D. **Inclusão e ambiente escolar.** In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. (Org.). **Inclusão em educação: Culturas, políticas e práticas.** São Paulo: Cortez, 2006. p. 31-44.

VYGOTSKY, L. S. (1994). **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes.

# Vivência Plantas Medicinais e Artes no Espaço Verde do CMET Paulo Freire

Linda Naura Macedo Silva<sup>[1]</sup>

Marta Inês Schneider<sup>[2]</sup>

No início de 2018, foi realizada a primeira experiência da Vivência das Plantas Medicinais com o objetivo de investigar, juntamente com a parceria do Departamento de Farmácia da UFRGS, o saber popular e o conhecimento científico sobre as plantas medicinais que são cultivadas no espaço verde da Escola CMET Paulo Freire, bem como, resgatar o saber dos alunos, vivências e experiências, viabilizando uma prática participativa. Em 2019, a Vivência mudou o nome para "Plantas Medicinais e Artes" e teve a participação do Departamento de botânica da UFRGS. Essa parceria ocorreu por todo o ano.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 80% da população mundial já fez uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma dor, o que justificou a criação "Plantas Medicinais e Artes". Nessa vivência foram desenvolvidos estudos de várias plantas medicinais e cada aluno escolheu uma espécie para pesquisar. Dessas plantas, foram elaboradas exsiccatas (amostra de vegetal prensados em folhas de jornais e pranchas de papelão já nas medidas padrão para a confecção (26 x 24 cm), em seguida fixadas em uma cartolina e acompanhadas de uma etiqueta contendo informações sobre a espécie e o local de coleta para fins de estudo botânico).

Outra atividade desenvolvida foi a confecção de incensos feitos a partir de ervas estudadas pelos alunos, tais como alecrim (*Rosmarinus officinalis*), falsa mirra (*Tretadenia riparia*), lavanda (*Lavandula dentata*) e citronela (*Cymbopogon nardus*). Atividades lúdicas como essas são oportunidades de aprendizagem, não só das propriedades calmantes, estimulantes, carminativas que as plantas produzem, mas, também, momentos de socialização entre os alunos e alunos/professores. Também nessa mesma perspectiva, foi realizada a produção de um diário das plantas medicinais escolhidas pelo aluno, de

[1] Professora de Ciências, Mestre em Ecologia

[2] Professora de Artes, Mestre em Educação

forma que pudesse ser consultado quando necessário. Cada um dos alunos ficou com a sua produção (diário e incenso).

O Departamento de Botânica se uniu ao projeto para a realização de levantamento e identificação de espécies e gênero de todas as plantas do espaço verde, gerando uma lista de quase 100 espécies catalogadas. Após esse trabalho, foram confeccionadas placas com os nomes científicos e fixadas em suas respectivas espécies. As placas de identificação foram feitas utilizando recipientes plásticos de sorvete, realizando, desta forma, um trabalho sustentável através do reaproveitamento de material que seria descartado.

Além da pesquisa realizada dentro da área de Ciências, os alunos realizaram atividades envolvendo a Arte. Com as folhas das plantas selecionadas para a confecção das exsiccatas, cada aluno aplicou a técnica da frottage (do francês "frotter", em português "friccionar") que é um método surrealista e "automático" de produção criativa desenvolvido pelo pintor, escultor e artista gráfico alemão Max Ernest em 1925 (Wikipedia).

Na frottage ou frotagem o artista utiliza um lápis ou outra ferramenta de desenho para friccionar uma superfície texturizada, resultando em um desenho que pode ser deixado como está ou aperfeiçoado. Os alunos trabalharam com grafite sobre a frotagem, criando um desenho personalizado, transformando assim, o seu trabalho em arte. Com papel cartaz, elaboraram molduras para exposição dos resultados.

Tanto o artista quanto o cientista necessitam de inspiração, criatividade e inteligência e, entre criatividade artística e criatividade científica não existe diferença, pois ambos criam para mostrar alguma coisa que ainda não sabem o que é.

Segundo Frank Oppenheimer

(...) "Os artistas fazem descobertas sobre a natureza diferentes daquelas que fazem os cientistas (...) Mas tanto artistas como cientistas ajudam o público a notar e a apreciar as coisas da natureza que aprendemos a ignorar ou que nunca nos ensinaram a ver. Tanto a

arte como a ciência são necessárias para o completo entendimento da natureza e seus efeitos nas pessoas”.

(1) (OPPENHEIMER APUD ARAÚJO JORGE, 2004: P.296).

### **Referências:**

INSTITUTO DE BOTÂNICO (SÃO PAULO). **Técnica de coleta, preservação e Herborização de Material Botânico**. 1984. 61p. (Manual n.4)

ARAÚJO JORGE, Tania C. De (org.). **CIÊNCIA E ARTE: Encontros e Sintonias**. Rio de Janeiro: Editora Senac, Rio, 2004, 296p.

[pt.wikipedia.org/wiki/Frottage](http://pt.wikipedia.org/wiki/Frottage), consultado em 11/10/2019.

# O impacto do CMET na vida dos estudantes

## "O que o CMET significa pra você?"

"Às vezes o CMET é uma família, né? A gente sempre se apoia assim na turma... eles(alunos mais velhos) acabam interagindo e sabendo de coisas, sabendo de coisas que a minha mãe não sabe."

Fernanda Victória Lima Santana, 16 anos. No CMET desde 2018.



"Um recomeço... uma nova oportunidade."

Bernardo Jacques Theodoro, 16 anos. No CMET desde 03/19.

"Como ele falou, é um recomeço... Aprendi muitas coisas que eu não aprendi no colégio anterior, a me relacionar com as pessoas tudo, mas eu gostei assim."

Gabriel Silva Gomes, 19 anos. No CMET desde: 03/19.



"Sempre digo que aqui é a minhas segunda casa, né?! Desde que eu tô aqui sempre me dei com todo mundo, com todas as professoras, elas são um amor comigo, sempre me acolhem." (Arminda deveria ficar em casa devido à um problema no joelho, mas preferiu ir ao CMET) "Comecei a vir pra cá... olha, até me esqueci que tinha cirurgia ano que vem... isso aqui é uma maravilha, é uma porta muito boa que se abriu pra mim, eu me encontrei aqui."

Arminda da Silva, 69 anos. No CMET desde 2009.



"Nem sei dizer de tanto que significa pra mim... aqui eu me achei, eu gosto daqui, aprendi muitas coisas e tô aprendendo ainda."

Adelaide Gomes de Andrade ,97 anos.  
No CMET desde 2003.

"O CMET é minha vida, né?! O CMET é minha segunda casa, CMET é onde eu entro e saio feliz, aqui é minha felicidade."

Janara Campos da Silva, 31 anos.  
No CMET desde 2015.

"Conquista, felicidade... tudo de bom."

Isabel Cristina Canteiro dos Santos. No CMET desde 2012.

"Tudo. Tudo porque... fiquei uns anos sem estudar e eu pensei 'não, vou voltar a estudar, eu tenho direito e tenho vontade de voltar a estudar'. Eu procurei uma escola que tivesse tudo, entendeu? De aulas, de tudo, e acabei achando, que é o Paulo Freire... e eu levanto a mão pro céu sempre por tá nesse colégio aqui porque aqui eu aprendo tudo, além de estudar, tu aprende vários cursos que tem aqui. Sou feliz por tá nessa escola, sou grato por grandes professores que eu tenho."

Tiaraju Machado Neto, 33 anos. No CMET desde 03/19.



"Eu me achei aqui no CMET, fiz um escape. Escape que eu falo assim porque pra não entrar numa depressão porque eu fiz uma cirurgia no seio, do câncer, e pra não ficar parada dentro de casa pensando na doença eu decidi estudar." "A melhor coisa que tem no mundo é o CMET."

Carmen Lucia Ribeiro Schmidt, 66 anos. No CMET desde 2016.

# Você tem sede de quê?

Equipe de Nutrição CMET

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

(Comida- Titãs)

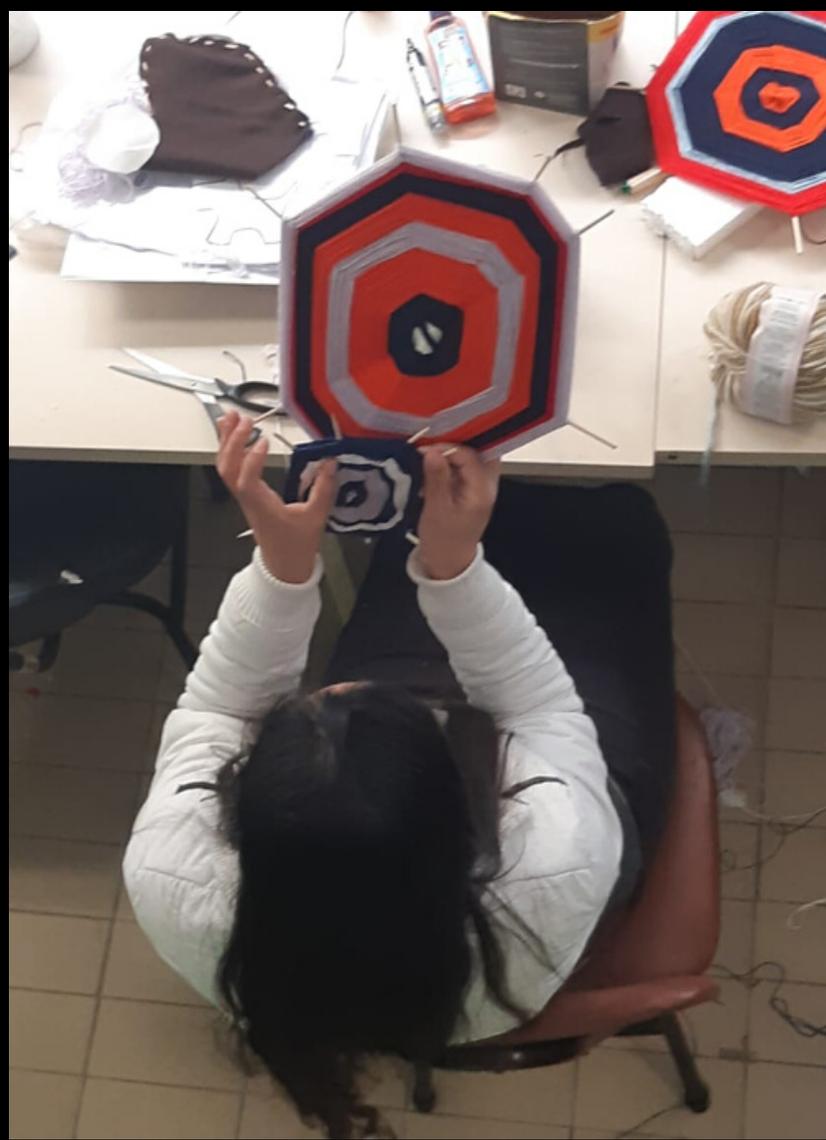


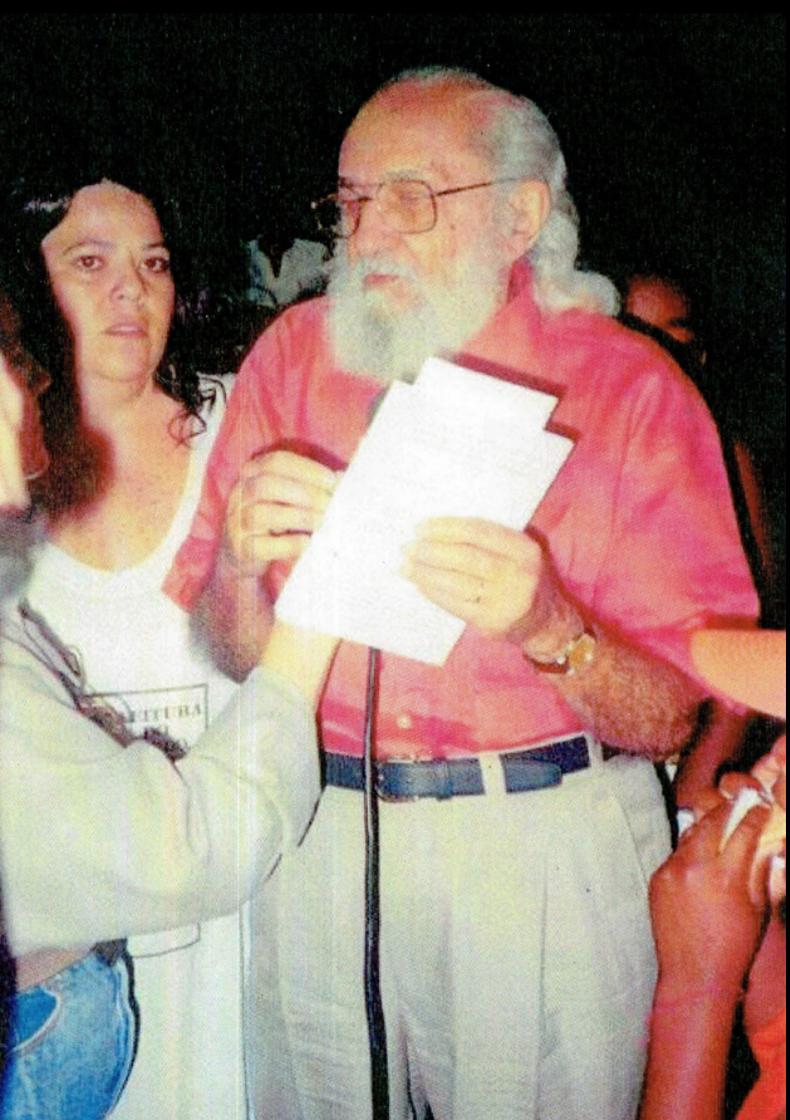
A equipe de nutrição do CMET Paulo Freire tem sede de matar a fome. Mas nossa fome mesmo é sempre servir uma alimentação de qualidade, saudável, gostosa e recheada de amor.

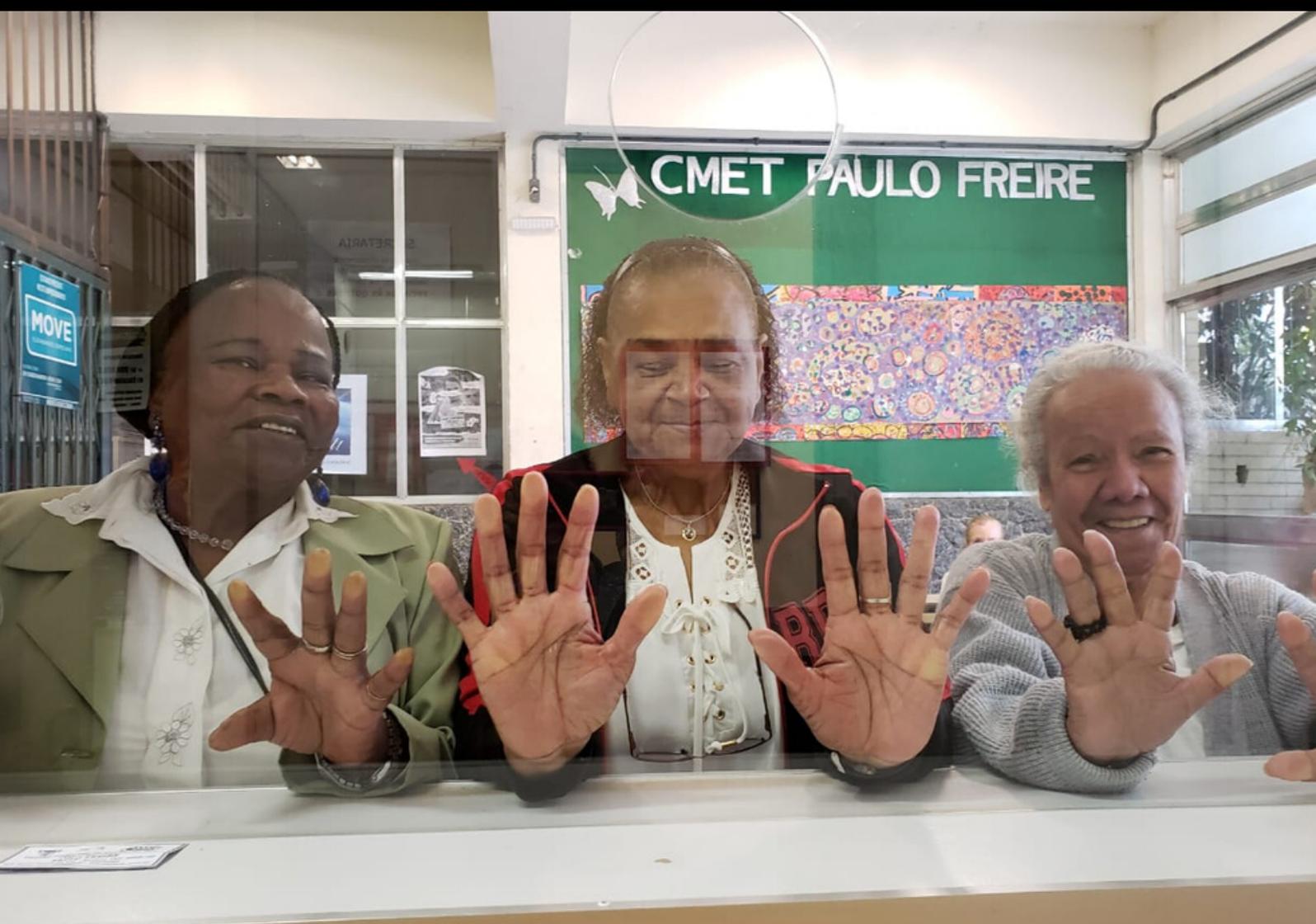
















# Produções Pedagógicas

# Avaliação da aprendizagem na EJA: pela autonomia dos educandos

Karina Luckaszski Conrado<sup>[1]</sup>

A avaliação é um tema em constante debate na área educacional e pensar sobre este assunto é essencial para aprimorar a qualidade da educação.

O conceito de avaliação é amplo. A definição encontrada nos dicionários é de "mensurar, determinar valor", também representa uma "prova, exame ou verificação que determina ou verifica a competência, os conhecimentos e os saberes de alguém: avaliação escolar". Portanto, o que percebemos, é o termo estar sempre vinculado a uma verificação que nos conduz, inevitavelmente, a uma tomada de decisão.

Avaliar possui uma relação intrínseca com a aprendizagem, conforme Perrenoud (1999), é indissociável do ensino desde o século XIX; embora o ato de avaliar seja uma invenção relativamente nova, que nasce com os colégios, em meados do século XVII, classificar os discentes alcançou um status que faz com que havendo ensino-aprendizagem, há a necessidade de aferir. O que podemos observar é que a ideia de avaliação como sinônimo de provas é ainda hoje muito presente nas escolas.

No entanto, atualmente, as discussões se fundamentam em perspectivas opostas de avaliação: a que visa a regulação, através de instrumentos padronizados, como provas e exames, focada em resultados; e uma segunda concepção, que tem como norteadora a emancipação dos alunos por meios de processos democráticos de avaliação, cujo objetivo central é a busca pela autonomia dos sujeitos. Assim sendo, o que temos presente, utilizando as acepções de Perrenoud (1999), é o debate: uma avaliação "a serviço da seleção" ou "a serviço das aprendizagens"?

Optamos pela segunda opção, que vai também ao encontro do pensamento de Paulo Freire acerca da tríade ensino-aprendizagem-avaliação.

[1] Mestra em Literatura Brasileira e Professora de Língua Portuguesa do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire.

Segundo Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, que repercutirá, por consequência, numa avaliação distinta das tradicionais.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996 p.15).

Freire foi defensor, por conseguinte, de uma escola democrática, que tem como base a ideia de que, para haver o processo de mudança, sua organização curricular deve ter como premissa a situação presente e concreta de seus alunos.

Seguindo, pois, a perspectiva freireana de ensino, este artigo apresenta a experiência do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET) Paulo Freire com a educação de jovens e adultos (EJA) e, por consequência, com a avaliação.

Uma escola que já traz em seu nome Paulo Freire, educador brasileiro, reconhecido internacionalmente por seu programa de alfabetização de jovens e adultos, criado na década de 60 do século XX - em uma época em que não se pensava o ensino para quem já não estava na idade regular de letramento - e que não via os discentes como puros objetos do processo de aprendizagem, mas sim como sujeitos criadores (FREIRE, 1979), tem sua concepção de ensino sob a ótica da educação popular.

Conforme Borges e Brandão (2005, p.16-17), está é uma "concepção de educação que traz em si não um fim utilitarista, mas uma visão libertadora, em que o conhecimento ocupa lugar central na dinâmica do ensinar e do aprender."

A Educação de Jovens e Adultos sendo, portanto, uma modalidade de ensino destinada para aqueles que não concluíram os estudos na idade adequada,

deve propor novas perspectivas na sua organização pedagógica.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do CMET Paulo Freire,

Se a avaliação não se dissocia do ato de aprender, o CMET optou pela Avaliação Emancipatória que se caracteriza como um processo de descrição, de análise e de crítica de uma dada realidade, visando à sua transformação. A avaliação neste Centro torna possível perceber as dificuldades, necessidades, interesses e avanços quanto ao processo de aprendizagem. A avaliação, inseparável do processo de ensino-aprendizagem, acompanha todos os atos contextualizados nas experiências significativas dos sujeitos envolvidos. Assim, é necessária a presença do aluno para que haja o processo de construção do conhecimento e sua coerente avaliação, que deve ser viva, dinâmica, contínua, permanente, democrática e dialógica. (p.28- 29).

Ou seja, a preferência é por uma avaliação da aprendizagem participativa que tem como enfoque a construção dos saberes, processo que envolve docentes, discentes, saberes e também seu contexto social.

Este tipo de avaliação estimula os educandos a se tornarem protagonistas: da construção do seu conhecimento, de sua história. O CMET Paulo Freire não utiliza os termos aprovação e reprovação, mas sim as categorias avaliativas de Avanço ou Permanência. O vocábulo reprovação traz em seu significado um ato de censura, de repreensão, isto é, de não ser qualificado ou bom o suficiente em algo. Numa educação freireana e popular, na qual os alunos participam ativamente de seu processo educativo, utilizar os conceitos de aprovação ou reprovação não seria o mais pertinente.

Nosso PPP explicita que,

O Avanço acontece de uma Totalidade à outra. Como o tempo de construção do conhecimento varia de sujeito para sujeito, inclusive diferentemente com relação a cada área do conhecimento, o Avanço de Totalidade pode acontecer a qualquer momento, pois a Avaliação Emancipatória tem como parâmetro o próprio processo de construção de conhecimento de cada aluno. O educando avança de uma Totalidade para outra quando opera e desenvolve os conceitos, os fazeres e as habilidades concernentes a eles e suas relações com a realidade vivenciada por cada aluno, de acordo com cada Totalidade (...) O aluno permanece na mesma Totalidade quando necessita de um tempo maior para construir os conceitos e ampliar os fazeres, as habilidades e suas relações com a realidade que o cerca. (p.30).

Para que o processo de ensino-aprendizagem-avaliação seja relevante, é crucial os discentes estarem cientes do que está sendo proposto. O aluno participa ativamente dos Conselhos, nos quais conversa diretamente com seus professores, interagindo na elaboração de sua ficha avaliativa. O CMET Paulo Freire entende que a avaliação deve ser compartilhada, pois mais que uma averiguação, almejamos a autonomia intelectual de nossos alunos, que através da autoavaliação, proporcionada durante o Conselho de Classe Participativo, leva ao questionamento, à criticidade. Avaliação entendida como construção de saberes, e não como forma de exame, seleção.

Compreendemos que o aluno refletir e também ser atuante, no que diz respeito a sua aprendizagem (e, conseqüente, avaliação), faz com que modifique seu pensamento acerca de seu aprendizado. O envolvimento dos discentes em processos de tomadas de decisões, como acontece com o nosso Conselho de Classe, também possibilita o fortalecimento das relações no ambiente escolar, como aponta Freire (1979), entre educadores e educandos deve existir "uma relação de autêntico diálogo", que aliado ao respeito, colaboram para a promoção não somente do aluno, mas do ser humano.

Nossa escolha, portanto, por uma avaliação participativa da aprendizagem

justifica-se porque entendemos que todos os sujeitos que constroem a escola contribuem no processo educativo e são responsáveis pelo que é empreendido no ambiente escolar, e a experiência que temos com a adoção desta forma de avaliar, já nos comprovou que favorece não só a aprendizagem dos discentes, mas também a dos docentes, pois implica em uma construção coletiva de saberes.

### **Referências:**

BORGES, Liana; BRANDÃO, Sérgio Vieira. Fragmentos de esperança. In: BORGES, Liana; BRANDÃO, Sérgio Vieira (Org.). **Diálogos com Paulo Freire**. Tramandaí: Isis, 2005.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CMET PAULO FREIRE

# Biblioteca, 30 anos

Cintia Zimpel  
Cristina Popoviche[1]

A biblioteca do CMET Paulo Freire chama-se: Biblioteca Carla Timmers Dias, em homenagem à esta querida professora que faleceu prematuramente de câncer, sensibilizando a todos os docentes de nossa escola.

Muitos professores já deram sua contribuição para projetos de mediação de leitura. Houve "rodas de leitura", grupo de contadores de histórias, "Bibliopet", contações dramatizadas, leituras dramáticas (de contos, livros, poesias), saraus, troca-troca de livros, participação no programa "Adote um escritor", onde vários autores vieram conversar sobre suas obras com os alunos, professores e funcionários. Já são 16 anos deste projeto. Tivemos parcerias com o Festipoa Literário, com o sarau Sopapo Poético.

A nossa biblioteca possui um acervo diversificado, desde de livros com imagens, leitor inicial até livros e assuntos específicos para o uso de professores, alunos, funcionários e comunidades escolar.

Os livros são emprestados conforme a escolha do leitor com sugestões de professoras. Ao desenvolver o livro, os alunos contam como foi sua experiência.

O acervo passa por todos os processos. Aquisição de livros novos com a verba do projeto "Adote um escritor" (livros do autor adotado e outros com sugestões de professores, alunos, funcionários e comunidades escolar). Permuta, que é a troca de livros entre escolas da rede municipal de ensino e muitas doações de livros durante o ano.

Quando recebemos livros doados eles passam por um processo de seleção. Livros didáticos são ofertados no "pegue-leve" da escola. Livros de literatura em geral são observados a quantidade do mesmo título já disponível no acervo, o estado de conservação (sem nenhuma folha faltante, sem mofo e sem estar roído por insetos).

---

[1] Professoras que atuam na Biblioteca Carla Timmers Dias

Mesmo os livros do acervo que já não apresentam bom estado de conservação e impróprios para novas leituras são levados ao Banco de Livros que dará novo destino a eles.

Nossa biblioteca também respira cultura. Nela são expostos trabalhos realizados pelos alunos com temática específica ou exposição de trabalhos dos professores que também são artistas plásticos. Já tivemos concursos literários e de mangás. Realizamos um Cosplay na escola com premiação das fantasias.

As turmas são atendidas em horários escolhidos pelos professores. Os professores trazem seus alunos, é explicado como encontrar os livros, sempre é contada uma história. Os alunos retiram os livros para ler em casa e retornam na próxima semana.

Na hora do intervalo a biblioteca é sempre disputada. Alunos retiram livros e outros encontram amigos, ou ainda para acabar aquela "tarefa" antes do início da aula.

A biblioteca já funcionou nos interturnos, pois nessa época ainda estávamos no prédio da Rua Jerônimo Coelho e era o local de acolhimento dos alunos antes das aulas. Naquele momento, os alunos também possuíam computadores para acesso deles. Atualmente, o espaço físico da escola melhorou muito, mas não há acesso de computadores para os alunos.

Além disso, também estamos substituindo professores nas turmas conforme a necessidade. Nestes momentos levamos uma mala de livros com contos, crônicas, fábulas e lendas. Nestes momentos todos os alunos leem a história e respondem a questões sobre a história. Outras vezes, escrevem resumos ou produzem textos a partir da história lida.

Mesmo com a demanda de substituições, no primeiro semestre deste ano, realizamos um momento de encontro com a literatura, através do Projeto "Livro Andarilho", quando comparamos os livros ao circo. A participação dos alunos foi entusiasmada com a dinâmica, um Sarau Poético, com a leitura de poesias previamente selecionadas, tanto pelos anos como pelos professores. Um momento de muita interação, emoção, leitura e cultura.

Mais do que um espaço onde existem livros, a Biblioteca no CMET Paulo Freire quer existir como espaço de cultura, como um polo desencadeador de projetos realizados em nosso Centro.

# Vivência Corpo e Afetividade: Biodanza dentro do CMET Paulo Freire

Carla Patrícia Pintado Núñez<sup>[1]</sup>  
Sônia Marly Porciúncula Fernandes<sup>[2]</sup>

A vida é em si mesma sagrada, por ser a mais esplêndida expressão do cósmico e também a mais ampla hierofania. Toda a realidade é sagrada e todo o tempo é litúrgico. Quando a vida não é sagrada nem tem valor intrínseco, é passível de ser destruída, torturada, humilhada, explorada. Se a pessoa está conectada à vida, automaticamente assume uma posição: a de quem defende a vida e luta contra a exploração e a injustiça. Os Princípios de Vida surgem de uma inteligência divina que transcende os valores egocêntricos. Gerando vida nos outros geramos vida em nós mesmos. (Rolando Toro, 1991).

O CMET Paulo Freire caracteriza-se por trabalhar exclusivamente com Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos três turnos, abarcando alunos de todas as localidades de Porto Alegre e grande Porto Alegre que buscam concluir o Ensino Fundamental. As aulas de segundas a quintas-feiras são organizadas por disciplinas, de acordo com a Totalidade em que o aluno se encontra, e nas sextas-feiras o currículo é diversificado. Nesse dia, os alunos devem escolher duas atividades (Uma Vivência e uma Oficina por turno), ou fazer um curso profissionalizante, em parceria com o SENAC. O título Vivência foi proposto pela Coordenação Pedagógica, para todas as atividades oferecidas pelos professores nesse dia (com formação na área de Educação), para diferenciar de Oficinas (de cunho mais prático, oferecido pelos parceiros da escola, nem sempre com formação na área da Educação). A organização da escola é semestral, tanto nas Vivências, quanto nas Oficinas e os alunos podem trocar de Vivência e Oficina semestralmente.

---

[1] Mestre em Educação (UFRGS); Licenciada em Língua Espanhola (PUCRS) e Ciências Sociais (UFRGS); Professora de Língua Espanhola da Rede Municipal de Porto Alegre; Cursando Escola de Facilitadores de Biodanza (Sistema Rolando Toro, Frater Espaço Biocêntrico).

[2] Pós-graduada em Ensino de Sociologia para o Ensino Médio (UFRGS) e Educação Ambiental (UNILASALLE), Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais (UFRGS); Cursando Escola de Facilitadores de Biodanza (Sistema Rolando Toro, Gravatal, SC).

Neste artigo serão relatadas as primeiras experiências com introdução à Educação Biocêntrica e Biodanza feitas na Instituição.

A Educação Biocêntrica busca através da vivência a conexão com a vida e assim desenvolver a afetividade, a percepção ampliada, a expansão da consciência ética, ou seja, prioriza o desenvolvimento de pautas internas para viver. Rolando Toro, criador da Biodanza, a define como:

Um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo. (1991, p.33).

Desde sua criação até os dias de hoje a Biodanza vem sendo aperfeiçoada a partir de novas experiências de aplicação em crianças, adolescentes, grupos de idosos, embora mantenha sua estrutura original. Atualmente é um modelo bastante complexo e pode ser aplicado também a pessoas que apresentem diversos quadros clínicos. A base teórica da Biodanza se estrutura a partir do "princípio biocêntrico", criado por Rolando Toro, que coloca em primeiro lugar a vida.

A Vivência Corpo e Afetividade foi oferecida pela primeira vez, no turno da manhã, em 2019/1, pela professora Carla Patrícia Pintado Núñez, que ingressara no CMET no início de 2019, para trabalhar com língua espanhola. Além da formação acadêmica como professora de Língua Espanhola da rede municipal de Porto Alegre, leu sobre Educação Biocêntrica durante o Mestrado em Educação na UFRGS, e estava cursando o segundo ano da escola de Facilitadores de Biodanza, na Frater, com o objetivo de atuar como Facilitadora de Biodanza no futuro. Viu nesse espaço a possibilidade de colocá-la dentro do currículo escolar e lançou as primeiras sementes, do que no futuro poderá se transformar num espaço permanente de Biodanza dentro do currículo escolar do CMET. O primeiro semestre da Vivência ocorreu em 2019/1 e foi aberta a todos os alunos interessados. Foram inscritos 17 alunos e frequentaram regularmente 15 alunos, durante todo o semestre. Os encontros

iniciavam com uma roda de conversa, onde a professora trazia alguns conceitos de Educação Biocêntrica e o grupo debatia e analisava a importância para a escola, a vida, etc. Após comentavam algumas questões afetivas que passavam durante a semana, considerando o grupo, como um espaço de afeto e confiança, no qual o que se comentasse, ficaria em sigilo. Na segunda metade do encontro, eram propostas atividades mais lúdicas como jogos e exercícios de Biodanza, para movimentar o corpo e as emoções. O perfil dos integrantes era basicamente feminino, com alunas mais velhas e algumas adolescentes. Apenas dois rapazes se inscreveram no primeiro semestre. A vivência teve boa repercussão entre os alunos e docentes e foi oferecida novamente no segundo semestre, inclusive com alguns participantes que quiseram continuar na mesma Vivência.

Durante o semestre um feliz encontro e parceria surgiram entre a professora Carla e a professora Sônia. A professora Sônia Porciúncula é professora de geografia dos turnos tarde e noite e já havia participado de grupo regular de Biodanza durante alguns anos. Também havia cursado a escola Gaúcha de Facilitadores de Biodanza, de 2003 a 2007, mas não tinha concluído a formação por motivo de doença. Em 2007 realizou um projeto de Educação para a Paz, com auxílio metodológico de Biodanza, na Escola de Ensino Fundamental Maria Fausta Teixeira, localizada em Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre. Sua efetivação ocorreu através de oficinas semanais de Biodanza com os alunos de oitava série. Por essa caminhada, sentiu-se motivada a retomar seus estudos como facilitadora de Biodanza e oferecer a oficina Corpo e Afetividade, em parceria com Carla, no turno da tarde. Atualmente cursa a escola de Facilitadores de Biodanza de Gravatal. Em julho as duas professoras começaram o planejamento coletivo da oficina, que está sendo ministrada desde agosto e funcionará até dezembro do corrente ano, atuando as duas juntas no turno da tarde e Carla no turno da manhã.

O grupo da tarde é composto basicamente de mulheres com mais de sessenta e cinco anos, com exceção de uma aluna mais jovem, na faixa dos trinta anos. Quase todas são viúvas, solteiras ou separadas e percebem esse grupo como uma fonte de alegria, afetividade e espaço para compartilhar suas emoções. O grupo da manhã de 2019/2 tem adultos e adolescentes, homens e mulheres. Alguns são oriundos do primeiro semestre que optaram por permanecer na

Vivência. Percebem o espaço como uma fonte de cuidado, companheirismo, movimento e alegria, onde podem confiar nos colegas e na professora para falar sobre questões emocionais que vivenciaram durante a semana. Outro encontro da Oficina Corpo e Afetividade ocorreu no segundo semestre de 2019, quando vinte e cinco alunos da Cooperativa Social CrêSer[3], foram ao CMET participar do trabalho. Os alunos da CrêSer mostraram muito interesse e combinaram novos encontros no futuro. Enquanto for possível ao Corpo Docente oferecer Vivências e Oficinas, as professoras têm interesse em continuar o trabalho, e talvez ampliá-lo para outros grupos, como professores e comunidade e também efetivá-lo como parte do currículo do CMET Paulo Freire.

### Referências:

CAVALCANTE, Ruth et al. **Educação Biocêntrica**: um caminho de construção dialógica. Fortaleza: Viver, 1999.

GÓIS, Cezar Wagner. **Vivência**: caminho à Identidade. Fortaleza: Viver, 1995.

INTERNATIONAL BIOCENTRIC FOUNDATION. **Curso de Formação de Biodança**. [S.l.]: [S.n.], 20--?

TORO, Rolando. **Teoria da Biodança**: coletânea de textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: ALAB, 2002.



[3]A Cooperativa Social Especial CrêSer tem por objetivos atender a jovens e adultos com deficiência mental, maiores de 21 anos, oferecendo-lhes espaço de trabalho, de produção e de geração de renda. Além disso, a CrêSer oferece um espaço de Educação de Jovens e Adultos por meio de uma parceria com a Prefeitura de Porto Alegre, através do CMET Paulo Freire

# CRÊSER: Aprendizagens compartilhadas em um espaço não escolar.

Edson Ribeiro Biondo Junior[1]

Fátima Maria Pilotto[2]

Hilário Bichels[3]

Lúcia Barth Ckless[4]

Moacir Chotguis[5]

A CrêSer[6] nasceu de um movimento de familiares de alunos das escolas especiais municipais de Porto Alegre que buscavam um novo espaço de trabalho e de educação para seus filhos adultos pois estes, ao completarem 21 anos, não poderiam continuar sendo atendidos por estas escolas. O terreno e a construção do prédio foram conquistados por meio da organização, da mobilização e da luta social junto ao Orçamento Participativo do Município de Porto Alegre.

A Cooperativa Especial Social CrêSer foi fundada em 1996, constituída para oferecer espaço de trabalho e de educação permanente a jovens e adultos com deficiência intelectual, maiores de 21 anos, que têm dificuldades de inserção, tanto em espaços de aprendizagem, quanto no mundo do trabalho.

Iniciou suas atividades em 2000 com as oficinas de produção e de geração de renda e no ano de 2001 firmou uma parceria com o governo municipal, visando a implantação de um Projeto de Educação de Jovens e Adultos, oportunizando a formação permanente dos trabalhadores, assim como a articulação destas aprendizagens com o projeto de trabalho. Em 2002 foi implantado, então, o Projeto "Cooperar e construir: trabalho, educação e cultura"[7], com a participação dos professores cedidos pela SMED que, além de formar as turmas de EJA (Totalidades Iniciais) e organizar o trabalho pedagógico,

[1]Licenciado em música (IPA), Especialista em educação musical (UERGS).

[2]Licenciada em Educação Física (UFRGS), Doutora em Educação (UFRGS).

[3]Licenciado em Pedagogia habilitação em Educação Especial (PUC), Especialista em Educação de Jovens e Adultos (Centro Universitário La Salle).

[4]Licenciada em Pedagogia habilitação em Educação Especial (PUC), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (PUC), Educação Especial Surdez (Unilasalle).

[5]Licenciado em Educação Artística - Habilitação: Artes Plásticas (UFRGS) - Instituto de Artes, Bacharel em Artes Plásticas - Habilitação: Pintura ( UFRGS) - Instituto de Artes, Especialista em Expressão Gráfica (UFRGS) - Faculdade de Arquitetura. Especialista em Arte-Terapia (INFAPA).

[6]A Cooperativa Especial Social CrêSer em setembro de 2019 passou a ser Instituto CrêSer. Rua Cap. Pedro Werlang, 1001 Bairro Intercep – Porto Alegre. Fone 33843603.

[7]Este projeto representa uma construção de uma Política Pública de Educação para Jovens e Adultos com deficiência intelectual envolvendo diversos órgãos: SMED, SMIC, FASC, CDHC e CrêSer.

também teve a tarefa de auxiliar na organização das oficinas de trabalho e na assessoria à organização institucional.

Os alunos são matriculados na EJA do Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire-CMET[8] em totalidades iniciais como turmas em extensão e são organizados em dois grupos de quinze alunos. Essa organização é feita com um cuidado especial para que em cada grupo haja alunos em diferentes processos de desenvolvimento.

## CULTIVANDO E TRAMANDO APRENDIZAGENS

Este projeto se desenvolve por meio do trabalho de uma equipe de professores: dois do ensino especial, um de artes plásticas, um de educação física e um de música; está organizado de modo interdisciplinar e através de docência compartilhada, articulando o projeto pedagógico com o projeto de trabalho e a geração de renda numa perspectiva de educação permanente ao longo da vida.

Assim, ressignificamos nossas práticas educativas, propomos ações diferenciadas que venham considerar os saberes dos nossos alunos para que novas conexões e novas experiências sejam estabelecidas, não só na sala de aula, mas nos espaços que circulam.

Mais do que a preocupação com a escolarização, nossa preocupação é com a autonomia moral e intelectual dos nossos alunos que, historicamente, não costumam ter voz, nem costumam fazer suas próprias escolhas. "Dessa maneira a interdisciplinaridade se apresenta como resposta à diversidade, à complexidade e à dinâmica do mundo atual" (VIELA E MENDES, 2003, p. 529).

No exercício de uma docência compartilhada, partilharmos nossos processos, transformamos nossas ações em um novo modo de ser e de atuar em conjunto, o que nos permite contemplar de uma maneira mais pontual as singularidades e formas de aprendizagens de cada sujeito, buscando ações mais flexíveis e articuladas às suas necessidades.

---

[8]O CMET tem sua origem nas primeiras turmas do Serviço de Educação de Jovens e Adultos do município de Porto Alegre que foi criado na primeira gestão da Administração Popular, em 1989.

Na arte-educação trabalhamos com alguns conteúdos, tais como: o estudo da linha, do recorte, da colagem, da cor e do plano bi e tridimensional. Estas atividades qualificam os alunos na área da motricidade fina, na lateralidade e na ampliação do espaço, melhorando consideravelmente a autoestima. Esse fazer sistemático pode desencadear uma série de sensações que possibilitam uma outra forma de se expressar. A história de cada aluno pode ganhar novos contornos através da expressão artística, pois ele poderá vivenciar ser o autor e personagem de sua própria trajetória. Através do ato de desenhar uma linha, pintar um painel/parede/muro, fabricar um vaso de cerâmica, assistir a um filme ou ir ao teatro, pode-se acessar diversas áreas do conhecimento, como a percepção visual e auditiva, explorar os sentidos e desenvolver a intuição, a autonomia e a socialização.

O trabalho na Educação Física[9] é realizado de forma diversa, onde o corpo é compreendido como uma construção histórica, política e cultural. Ou seja, não olhamos para os corpos como algo biologicamente dado, mas como algo que possa ser constantemente modificado e construído. Sant'anna (1995, p. 12) define o corpo como: "lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico"[10]. Nas aulas realizamos: caminhadas, alongamentos, exercícios de relaxamento e respiração, atividades rítmicas, jogos de salão, jogos cooperativos, atividades recreativas, esportes, etc. Também enfatizamos constantemente a importância da hidratação corporal, da alimentação saudável e de incorporar a atividade física/exercício físico/ movimento, como hábito de vida.

As aulas de música na CrêSer se apoiam nas práticas da educação musical ativa (MATEIRO, ILARI, 2012), que acreditam que a aprendizagem ocorre pela integração do corpo e seus movimentos, gestos, ação e reflexão coletiva sobre as práticas.

Duas atividades são levadas em consideração cotidianamente no planejamento das aulas: a apreciação musical e a percussão corporal. A apreciação musical motiva várias práticas, como a criação de danças, ritmos

---

[9] Nas concepções críticas a Educação Física é tratada como uma prática pedagógica, que tematiza elementos da cultura corporal. Entre eles o esporte, o jogo, a ginástica, as lutas e as danças. (Soares, et al 1992).

[10] Em 2017, construímos uma pista de caminhada dentro da CrêSer. Ela tem aproximadamente duzentos metros, e contorna todo o terreno.

ou canções, levando em consideração o repertório musical dos alunos e ao mesmo tempo propondo a ampliação deste repertório, apresentando gêneros musicais diversificados que foram produzidos pela humanidade. A percussão corporal é trabalhada de diferentes formas, através da imitação, do auxílio do professor individualmente, ou com a utilização de musicogramas[11]. Dessa forma, utilizando diferentes estratégias, alunos com suas diferentes especificidades conseguem ter um bom desempenho.

As práticas não buscam formar musicistas, mas proporcionar através de diferentes vivências o enriquecimento cultural pelo conhecimento artístico, o prazer pela prática com a voz e com corpo e momentos de criação e exploração de possibilidades artístico-musicais.

## REFLEXÕES, PENSAMENTOS E ACHADOS PROVISÓRIOS

Nesta realidade tão complexa, tão cheia de interfaces e de peculiaridades, onde o trabalho pedagógico é desenvolvido em território não escolar, o currículo precisa ser pensado e organizado de modo que contemple diferentes momentos e movimentos deste lugar/instituição, onde estudo e trabalho andam articulados, ora se complementando, ora desafiando um ao outro, procurando superar suas limitações, seja de entendimento, seja de operacionalização, seja de expressão. (PEIXOTO, et al, 2007, no prelo, p.2).

Neste contexto o currículo está em constante transformação, é construído todos os dias, durante as aulas, no fórum de trabalhadores[12], na reunião de professores[13], nas oficinas de trabalho[14], nos intervalos, em casa. Mesmo existindo uma programação semanal, mensal ou anual com atividades pré-determinadas, o currículo é reinventado sistematicamente onde novas aprendizagens vão se moldando às antigas, como um pedaço de argila nas mãos de um artista.

---

[11]Imagens com a parte do corpo utilizada para a realização da percussão corporal.

[12]O Fórum de Trabalhadores é um espaço onde alunos/trabalhadores, pais e professores trazem discussões de temas referentes ao dia a dia do projeto.

[13]São realizadas nas sextas-feiras com 2h de duração.

[14]Horta Orgânica, Panificação, Papietagem e Cartonagem.

Nossa proposta de trabalho está sustentada na educação e no trabalho ao longo da vida, na interdisciplinaridade /docência compartilhada e na sustentabilidade. Temos como umas das metas principais a formação de sujeitos com uma perspectiva de cuidado e respeito com o ambiente em que vivemos. Deste modo, temos o compromisso de difundir, na nossa prática diária, estes conceitos que vão da produção nas oficinas, até práticas como o consumo de Pancs[15], de hortaliças, chás medicinais, confecção de minijardins, lixo zero, entre outros.

Aprender (e ensinar) é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que repetir a lição dada. Aprender (e ensinar) para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE,1996, p.77).

Assim, nesta construção e reconstrução constante de aprender e ensinar, percebemos com o desenvolvimento desta proposta de trabalho a necessidade de estarmos sempre abertos a escutar e a dar voz àqueles que na maioria das vezes são excluídos. Entendemos que estes sujeitos podem exercer sua autonomia, liberdade de expressão e criatividade de forma independente. Nestes anos de trabalho na CrêSer uma série de mudanças foram observadas nas ações dos nossos alunos, proporcionando uma ampliação de suas potencialidades e uma melhor qualidade de vida.

Referências:

ANDREJEW, Marlize et al. MOLL, Jaqueline (org.). **Educação de Jovens e Adultos**. 3ª Edição, 2008, pp. 101-112.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1966. (Coleção Leitura).

MATEIRO, Teresa. ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Intersaberes. 2012.

---

[15]Plantas alimentícias não convencionais.

PEIXOTO, Aromilda Grassotti et al. **Trabalho e Educação: conexões e sentidos que possibilitam novas aprendizagens( ou novos caminhos).** No prelo,2007. p.2.

SANT'ANNA, Denise B. de (Org.). **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115-120.

SOARES, Carmen Lucia; TAFFAREL, Celi Z.; VARJAL, Elisabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli O.; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

TRAVERSINI, Clarice Salete et al. **Processos de inclusão e docência compartilhada no III ciclo.** Educ. rev. [online]. 2012, vol.28, n.2, pp.285-308.

MEIRELLES, Betina Horner Schindwein; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. **Texto e contexto enfermagem** jan.-abr. 1999; 8(1): 149-165.



# Educação Permanente ao longo da vida: realizando sonhos musicais no CMET

Leandro da Silva Rodrigues

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET) Paulo Freire, se caracteriza enquanto unidade educacional pelo atendimento a jovens e adultos, com idade a partir dos 15 anos. Oferece, portanto, o currículo da Educação Fundamental modalidade EJA e, além deste, oportuniza atividades que contemplam outros saberes, os quais se enquadram na Educação Permanente ao Longo da Vida. Esta modalidade de currículo atende alunos do ensino fundamental no contraturno e demais interessados da comunidade, sendo ofertados cursos de teatro, artesanato, informática, cinema, música, dentre outros.

Com base nesse viés educacional, foi fundado em 9 de maio de 2001, o Grupo Vocal e Instrumental Paulo Freire, justificado pela solicitação dos alunos e pela motivação da educadora musical Saadya Bellini. Com o andamento do trabalho e as constantes apresentações tanto no CMET quanto em outras instituições (demais escolas da rede municipal, asilos, hospitais, casas geriátricas) - além da demanda por parte dos alunos de incorporarem ao grupo parentes e amigos - as atividades musicais foram sendo expandidas e outros educadores musicais foram sendo remanejados para o CMET. O objetivo principal era favorecer relações de troca entre alunos e comunidade, possibilitando a construção de uma identidade cultural e solidária dentro do grupo e entorno (Projeto Centro Musical pg. 12)[1].

A partir do ano de 2010, o CMET Paulo Freire abarca efetivamente um Centro Musical, com uma ampla oferta de cursos gratuitos de música. Atualmente (2019), a grade de cursos de música conta com aulas de violão nas modalidades básico e intermediário; cavaquinho nas modalidades básico e intermediário; guitarra; contrabaixo; teoria e percepção; teclado nas modalidades básico, intermediário e avançado; percussão, técnica vocal,

---

[1] O Projeto do Centro Musical foi elaborado por sua fundadora Prof. Saadya Bellini e permanece em constante reconstrução e ampliação.

coral escola, além do Grupo Freirencanto (antigo Grupo Vocal e Instrumental Paulo Freire), Canto Livre e do Bloco Paulo Freire. O surgimento desses cursos se deu através da demanda discente que, através dos anos, vem demonstrando seus interesses de estudos e práticas musicais. Para tanto, o Centro Musical do CMET Paulo Freire conta com um quadro de professores concursados da SMED (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre), sendo eles:

Cacildo Bavaresco – professor de violão, guitarra e técnica vocal

Edson Biondo – professor de violão

Kênia Weener – professora de teoria e percepção e teclado

Leandro Rodrigues – coordenador do Centro Musical e Regente

Nilson Araújo – professor de cavaquinho, contrabaixo e percussão

Atualmente, o Centro Musical do CMET está aguardando a vinda de professor para o atendimento aos cursos de instrumentos de sopro: flauta doce (soprano, contralto), flauta transversal e saxofone, com um déficit de 40h neste âmbito.

O escopo de alunos atendidos pelo Centro Musical do CMET Paulo Freire é amplo, tanto em número de atendimentos, quanto na faixa etária compreendida. Atualmente, frequentam o Centro aproximadamente 300 alunos, com idades que variam de adolescentes a partir de 15 anos, até idosos com mais de 80. Os alunos chegam ao Centro das mais variadas formas e com objetivos diversos. Existem alunos adolescentes ou jovens adultos que desejam aprender um instrumento musical. Estes, muitas vezes, estavam em um processo autodidata, buscando informações e técnicas através da internet. Contudo, a quantidade de informações encontradas, sem um plano de estudo gradual, faz com que estes alunos não progridam em sua prática e construção de conhecimento, buscando um professor para auxiliá-los.

Outro caso típico são alunos adultos que já tiveram aulas de instrumento com diversos professores. Estes, relatam a capacidade musical e técnica dos professores que os atendiam, contudo se mostram insatisfeitos em função da inadequação didática dos profissionais. Outro exemplo – que se pode afirmar como maioria dos atendimentos - são os alunos adultos e idosos que sempre sonharam em aprender um instrumento musical e nunca tiveram condições financeiras ou tempo para se dedicarem a esse sonho e encontram no Centro

Musical um espaço gratuito de acolhimento e de realização concreta desta demanda. Além destes, o Centro Musical também atende alunos de inclusão com as mais diversas limitações motoras e/ou intelectuais (síndrome de Down, transtorno do espectro autista, etc.).

Essa diversidade exige amplo planejamento para as atividades musicais, levando em conta os tempos de aprendizagem diferenciados, pois as turmas são heterogêneas no que tange a idade e também aos interesses musicais dos alunos. Para tanto, o Centro Musical do CMET Paulo Freire pauta suas ações educacionais a partir de três eixos temáticos:

1. **Artístico** – focado na aprendizagem musical específica, na construção de técnicas referentes aos atos de cantar e/tocar um instrumento. Engloba também o desenvolvimento dos aspectos perceptivos musicais: ritmo, melodia, dinâmica, andamento, textura, timbres, reconhecimento de gêneros e formas musicais.
2. **Social** – relacionado ao exercício da solidariedade e cidadania através da música, por intermédio de apresentações dentro e fora do CMET Paulo Freire, em instituições tais como hospitais, asilos e casas de acolhimento.
3. **Saúde** – música como desencadeadora de saúde (Musicoterapia), repercutindo na autoestima, sentimento de importância dentro do grupo, autoconfiança, relacionamento social, convívio com as diferenças, minimização de sintomas relacionados à depressão, dentre outros (Projeto Centro Musical pg. 10).

Portanto, pode-se perceber que o Centro Musical não visa somente o ensino estrito de música e suas habilidades correlacionadas, mas também busca “desenvolver os valores humanos possíveis de serem resgatados pela mesma e sua inter e transdisciplinaridade” (Projeto Centro Musical pg. 7). Nesse sentido, é uma prática constante, um princípio orientador, a vivência em grupo de forma respeitosa e solidária, trabalhando-se as relações sociais de forma focada, sem as quais, obviamente, não se pode fazer música, incluindo aqui o fazer musical intergeracional e entre distintas classes sociais. Este enfoque pressupõe no trabalho diário de sala de aula, amplo espaço para o debate crítico, a expressão de opiniões e a tomada de decisões de forma conjunta pelo grupo (professores e alunos). Portanto, a meta primordial é através da música possibilitar a construção cognitiva,

emocional, social e política dos alunos, gerando oportunidades para que estes se construam enquanto cidadãos, pois "quando ouvem, tocam ou cantam, projetam nos sons toda a beleza que se encontra dentro deles próprios, tornando-se conscientes e, assim, promovendo a integração de tais conteúdos em sua personalidade, tanto por parte dos que executam a música, quanto por parte dos que a escutam" (Projeto Centro Musical pg. 13).

Pode-se afirmar que o Centro Musical do CMET Paulo Freire é um polo realizador de sonhos. Sonhos musicais muitas vezes alimentados por uma vida, por pessoas que por diversos motivos nunca tiveram acesso a esse tipo de desenvolvimento humano e que encontram nas salas de música um espaço de expressão e cidadania.



# O ensino do teatro em conexão com o audiovisual

Tatiana Raquel B. Greff

O presente relato aborda as experiências realizadas no ensino do teatro no Centro Municipal de Educação do Trabalhador Paulo Freire com os estudantes das etapas finais do ensino fundamental e com o grupo de teatro do CMET efetuadas nos anos de 2015 e 2016.

O experimento proposto aos estudantes surgiu da observação da intensa utilização que esses fazem dos seus aparelhos celulares e das redes sociais, eclodindo no questionamento de como os recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) poderiam ser explorados como instrumentos pedagógicos. Outro fator que motivou esta pesquisa foi o desejo de buscar uma prática pedagógica que conciliasse o interesse dos jovens pelas TICs com as aulas de teatro, a fim de promover um maior engajamento das turmas nas aulas. Essa proposta possibilitaria, também, promover uma aproximação das proposições estéticas contemporâneas, na qual ocorre um intenso diálogo com as TICs, ao ensino do teatro no ambiente escolar.

Com esse intuito foram desenvolvidos diversos experimentos que perpassaram pela criação de curtas-metragens à busca por uma conexão do teatro com o audiovisual. Para tal, o planejamento foi formulado com base em quatro eixos: exercícios de improvisação com uma narrativa fragmentada, exploração dos recursos do audiovisual, o acesso a espetáculos de alguns grupos teatrais que desenvolvem propostas de interação do teatro com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) através de vídeos disponibilizados na internet e a experimentação das possibilidades de conexão entre o teatro e o audiovisual.

Na primeira etapa do trabalho foram propostos exercícios de criação de histórias, seguindo uma estrutura narrativa linear (início-conflito dramático-meio-fim). A partir daí foi exposto aos estudantes uma nova proposta de narrativa pautada na fragmentação, expondo-se exemplos de filmes e textos teatrais que exploram essa narrativa.

Na segunda etapa do trabalho, os alunos passaram a experimentar os diferentes recursos do audiovisual como meio de expressão estética. Paralelamente aos exercícios práticos, foi organizada uma aula expositiva sobre a linguagem cinematográfica, destacando-se os diferentes planos de filmagem e ângulos da câmera. Ao final dessa etapa os estudantes deveriam criar um filme de no máximo 10 minutos através de seus aparelhos celulares, utilizando diferentes elementos como: recriação de espaços (no qual deveriam explorar os diferentes espaços da escola e transformá-los através da forma de filmar e editar os vídeos); exploração de sombras (criar efeitos através das sombras das pessoas, narrar uma história usando apenas as sombras, criar um suspense ao se mostrar apenas a sombra das pessoas envolvidas, etc); investigar os efeitos gerados através de diferentes ângulos da câmera (filmar como se a câmera fosse o olhar de um dos personagens, filmar pés, gestos das mãos, dentre outras possibilidades).

Na terceira etapa do trabalho, as turmas entraram em contato com as proposições teatrais contemporâneas, através de vídeos disponibilizados no You Tube ou do site de diferentes companhias de teatro. Assim foram apresentadas aos estudantes as propostas de trabalho de alguns grupos que criam uma conexão do teatro com o audiovisual e/ou com a internet. Após o debate sobre essas propostas teatrais as turmas foram desafiadas a elaborar um trabalho que promovesse a interação do teatro com o audiovisual, no qual cada grupo deveria elaborar uma esquete teatral com uma estrutura fragmentada. Após as apresentações das esquetes os grupos deveriam escolher algumas cenas para serem filmadas, explorando pelo menos um dos recursos trabalhados nos exercícios anteriores com audiovisual. As esquetes foram reformuladas com a inserção dos vídeos projetados em um telão posicionado atrás do palco, intercalando cenas ao vivo com cenas projetadas.

As cenas em vídeo foram utilizadas pelos grupos com as mais variadas finalidades como, por exemplo, ilustrar os fatos narrados por um dos atores, contrapor o que um dos atores narrava e o que ele havia feito de fato, representar os pensamentos de determinados personagens, mostrar uma cena que ocorreu em outro espaço externo, fazer referência a acontecimentos do passado, dentre outros. Em alguns grupos surgiram cenas

Em alguns grupos surgiram cenas em que um dos atores interagiu com outro que se fazia presente em cena através da projeção de sua imagem na tela. Exemplo disso, foi a cena de uma conversa por telefone em que um dos atores aparecia em vídeo conversando com outro que estava no palco.

Na última etapa dessa experiência, as turmas foram desafiadas a explorar os elementos do cinema –como os diferentes planos, ângulos da câmera e alguns efeitos especiais –sem a utilização de uma câmera. Alguns grupos procuraram reproduzir o plano fechado (close-up). No decorrer da cena, em dado momento, todos “congelavam” e voltavam seu olhar para dois personagens pegos em um flagrante. Em seguida, outro aluno saía de trás da cortina com uma moldura quadrada e a posicionava no rosto surpreso dos personagens pegos no flagra. Outro grupo, que também procurou explorar o close-up, apagou as luzes da sala e apontou lanternas do celular para o rosto dos colegas, fazendo referência ao plano fechado.

Outros estudantes buscaram produzir alguns efeitos especiais. Exemplo disso foi a de um grupo de alunos que procurou recriar a sensação de um personagem olhando para o ser amado: a personagem desejada entra em cena caminhando em “câmera lenta” fazendo uma cara estereotipadamente sexy. Um colega a acompanha abanando seus cabelos com um pedaço de papelão fazendo com que eles fiquem esvoaçantes. Paralelamente a isso, um dos integrantes do grupo aciona com seu celular uma música sensual que toca durante a cena.

Efeitos de suspense também foram explorados, como no caso de um dos grupos que fez um jogo de acender e apagar as luzes da sala. A cada Blackout, um dos personagens desaparece da cena. Com a lanterna dos celulares, eles iluminam os rostos assustados dos personagens restantes que se perguntam onde estão os demais.

A introdução das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas aulas –desde a exploração da internet como meio de ampliar as referências culturais dos estudantes facilitando o acesso à produção cultural da atualidade e a pesquisa prática dos elementos da linguagem cinematográfica e do audiovisual –fomentou uma ressignificação dessas tecnologias,

geralmente utilizadas de forma restrita pelos estudantes como o acesso a redes sociais e o consumo do que é oferecido pelas grandes mídias, fazendo com que essas fossem exploradas como mais um recurso de expressão artística. Essa experiência contribuiu, ainda, para tornar as aulas mais significativas para os educandos, além de possibilitar uma maior compreensão das referências teatrais da atualidade, ampliando os parâmetros estéticos dos estudantes.

# O pressuposto do que é justo: uma perspectiva freiriana

Marco Antônio Pires de Oliveira

"Eu não tenho medo de ser amoroso. Eu amo as gentes, eu amo o mundo."  
(Paulo Freire)

Formulei a questão da justiça em sala de aula. O que poderíamos considerar justiça consultando unicamente a nossa própria experiência de vida e consciência? Alguns disseram que é dar a cada um o prêmio ou a punição, o custo, justo por suas ações.

Propus levarmos em consideração o amor, a dedicação e o cuidado que recebemos daqueles que cuidaram de nós após o nascimento até aquele dia ali em sala de aula. Todos concordaram que amar e cuidar dos mais frágeis entre nós era a mais perfeita expressão da justiça. Não apenas aqueles que o fazem por seus filhos e netos, sobrinhos ou parentes, mas por qualquer criança ou portador de necessidades, afinal nossa escola acolhe adolescentes que vivem em abrigos ou casas lares mantidas pelo Estado.

Então, convencionamos o que é justo em relação de equidade com o que é o bem: Diante da pura potência de vir a ser de um recém nascido e de sua absoluta fragilidade, dar-se com todas as energias ao cuidado é a inclinação que melhor expressa o conceito de justiça.

A incompletude inexorável de cada ser humano exige que as contínuas relações de interdependência determinem que a espécie não degenere em ruína. Nós somos pessoas porque alguém dedicou grande parte de sua existência a cuidar, prover e nos proteger. Esse padrão de existência solidária persiste para além de nossa infância e se replica ao longo de toda vida em alianças para o exercício amoroso das singularidades mutuamente sustentadas que nos definem e dão sentido a nossas vidas. Então, a ideia de justiça está, de modo equivocado, relacionado ao direito do indivíduo para a maioria das pessoas.

Mas, do ponto de vista da vida, nenhum ser é auto sustentável. Justo, portanto, é o que permite a persistência da vida na ética da responsabilidade de uns pelos outros. Especificamente, daqueles que possuem mais força ou recursos em relação aos desprovidos.

O famoso equilíbrio da balança da justiça pode ser expressa em uma metáfora melhor do que a da punição adequada para cada ato ou gesto individual. Não existem ações humanas desconectadas de seus determinantes. Dessa perspectiva, ainda que a responsabilidade persista, ela só faz sentido quando acompanhada da potência e dos recursos para seu pleno exercício.

Isso é exatamente o contrário do que aceitamos como justo na maior parte das vezes. Nos habituamos a absolver aqueles que têm mais recursos e "poder" e punimos cruelmente os que foram privados de todo o cuidado, atenção e recursos que tornam a responsabilidade mais possível e plena.

Justiça, então, não é punir ou premiar cada um segundo seus atos. Justiça é, em termos sociais, biológicos e neurocognitivos, é assegurar que quem consegue mais, também seja quem mais se entregue a proteger e cuidar.

O único sentido afirmativo da posse e da acumulação de capital, poder, conhecimento ou recursos é projetar, desfazer-se, entregar o que se acumulou em gestos e ações de afirmação da vida. O contrário é a injustiça, a iniquidade, a doença degenerativa da espécie.

O princípio de acumulação de poder é anti humano e, portanto, injusto. Reter recursos de modo estático constitui uma ferramenta anti evolutiva de extermínio da espécie humana e de negação da vida.

# Educação, Comunicação, Liberdade: as muitas vozes do CMET Paulo Freire

Clarinha Glock<sup>[1]</sup>

Qual é o alcance de uma voz contida, calada, emudecida, por muito tempo envergonhada ou desconhecida de sua potência? Há 30 anos o Centro Municipal de Educação de Trabalhadores (CMET) Paulo Freire ouve e acolhe as vozes de quem busca ali uma troca de saberes e aprendizados. Em 2018, os sonhos, as histórias e as vivências destas pessoas começaram a ser registrados em áudio para compor um projeto de rádio da escola. Surgia assim a CMET Paulo Freire Radioweb: Educação, Comunicação, Liberdade – nome escolhido a partir de votação feita pelo grupo de estudantes da turma de “Vivências” das sextas-feiras, que deu continuidade ao projeto em 2019, sob a coordenação das professoras Cíntia Albertoni, Simone de Oliveira Ferreira e pelo professor Elmar Soero de Almeida.

Entrevistas, música, radionovela, artes: na Radioweb do CMET Paulo Freire cabem vozes dos mais diferentes timbres e sotaques, independentemente de idade, raça, gênero, formação, ideias. Vale a vontade de se comunicar, sabendo que a comunicação é também uma maneira de se inserir e provocar mudanças nas suas realidades, dentro da comunidade, de exercitar pensamento e sentimento, de se educar com participação.

Nesta criação coletiva, o processo é tão ou mais importante que o produto final, ainda que a cada gravação a turma descubra talentos e conhecimentos que enriquecem as gravações. Ao propiciar atividades com história oral, a tecnologia social da rádio funciona como um instrumento acessível e democrático, especialmente para quem ainda não domina muito bem o mundo da escrita.

No processo de elaboração das pautas – assuntos dos programas –, são discutidos direitos, preconceitos, diversidade, censura, desinformação,

---

[1] Clarinha Glock é jornalista, mestranda em Educação pela UFRGS, e uma das coordenadoras do projeto de Radioweb.

carências, oportunidades, potencialidades, saberes. Por exemplo: para entrevistar Genel Dorcil, que nasceu no Haiti e é formado em Música, mas na escola atua como funcionário de serviços gerais, estudantes e professorxs foram buscar informação sobre a situação geopolítica do país de onde ele veio, debateram estigmas sobre migrantes e refugiados que são amplamente repetidos pela mídia, e refletiram sobre a miscigenação nas histórias de cada um/a. Ao entrevistarem o professor Sérgio Haddad sobre Paulo Freire, a estudante Marina Paula e o estudante Ladir Medeiros de Ávila falaram sobre suas próprias experiências de trabalho e luta. Os estudantes Luís Felipe Marques da Silva e Vitória Becker compuseram a primeira vinheta e trilha musical do programa cantando e tocando, junto com colegas, a importância dos livros e dos estudos.

Na radionovela da Radioweb CMET Paulo Freire, personagens vão sendo construídos a partir das histórias reais da turma, povoando cenários, dando vida a memórias. Antes, o grupo participa de uma conversa sobre as novelas de tevê atuais e o excesso de violência, sexo e consumismo que são incentivados pelo glamour e poder das grandes empresas de comunicação. A conversa informal e descontraída ajuda a entender como se criam e estimulam modismos e comportamentos, se propagam ideologias e valores.

E assim vai acontecendo uma outra troca: a da Alfabetização Midiática e Informacional, nome pomposo para Leitura Crítica da Mídia ou Educação para a Mídia. Isso é Educação, Comunicação e Liberdade. As vozes do CMET Paulo Freire estão livres e não vão se calar.

# Abrindo maletas: a Radioweb e a reinvenção de Paulo Freire através das vozes de estudantes

Cristina Popoviche[1]

O poder da palavra e a palavra dá poder. Quando a proposta de contar suas histórias de vida saiu do papel e viajou para as ondas da Radioweb, falar sobre a vida tomou vida, assumiu o seu lugar mais genuíno: uma roda de conversa, com tantas memórias, identificação, surpresas... Através da gravação e edição das vozes dos alunos e professoras da Totalidade 3, abriu-se uma possibilidade até então impensada, que se baseia no diálogo, como preconiza Paulo Freire e que, com ousadia, reinventa o ideal freireano, levando as falas para o mundo, através da Web.

Paulo Freire muito nos falou sobre organizar o programa de alfabetização a partir de palavras do universo dos alunos, assim como também nos disse que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra. Enfim, quando ele propôs uma "leitura crítica da leitura", quase que profetizando o que uma rádio nos possibilita, talvez não tivesse imaginado uma rádio dentro da escola, como um veículo facilitador do diálogo, da escuta e do autoconhecimento. Não somente pela dinamicidade que a rádio nos dá, como uma ferramenta pedagógica de libertação, de intensidade, assim como, especialmente na educação de jovens e adultos, empoderando as vozes antes oprimidas, reprimidas, silenciadas. Além disso, devolve-nos o rádio, como um objeto possível, no qual, agora operamos, criamos, reinventamos, compreendemos.

(...)universo vocabular dos alunos, expressam sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. (...) carregadas da significação de sua a experiência existencial e não da experiência do educador.[2]

Entretanto, só compreendemos a profundidade da proposta da Radioweb,

[1] Cristina Popoviche é professora da Totalidade 3 e atua na Biblioteca do CMET Paulo Freire.

[2] FREIRE, Paulo. A importância do ato de Ler em três artigos que se completam. 12ª Edição, 1982

quando passamos a enxergar o protagonismo dos alunos e alunas em diferentes situações do cotidiano da escola, quando participam de eventos, como entrevistadores, criando vinhetas para a divulgação da Radioweb e de radionovelas. Conseqüentemente, houve uma mudança na postura dos alunos de maior autonomia e autoestima nas aulas, tanto no enfrentamento de suas dificuldades mais específicas, como na aprendizagem dos algoritmos da subtração, por exemplo. Assim como também, na mudança do olhar para o outro, com suas limitações, suas dificuldades e anseios.

Desta forma, a dinâmica das aulas se transforma, pois alunos e professores estão em sintonia. A fala genuína dos alunos vem à tona. A escuta entre todos se afina. Estão, claramente, sintonizados uns aos outros. A RadioWeb, também conhecida como Rádio Maleta, se abre as sextas feiras à noite no CMET e vem reinventar o diálogo, a escuta, e as possibilidades que a palavra nos dá. Saber dizer, saber ouvir, ser locutor e interlocutor, criar, operar, entrevistar, editar, são mais que objetivos. São possibilidades de sonho, de reinvenção, de existir e resistir com o outro. Maletas abertas mostram as nossas vozes e a nossa vez!

- De quem são essas vozes?

-Nossas![3]

---

[3]Falas dos alunos e alunas da Turma 307, ao ouvirem pela primeira vez suas vozes gravadas na Rádio Maleta.

# Sobre leituras e afetos

Vanessa Castro<sup>[1]</sup>  
Elmar Soero de Almeida<sup>[2]</sup>

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem, como um de seus fundamentos, o diálogo entre as experiências e conhecimentos populares e os acumulados pela humanidade e socializados pela escola. Esta é uma marca da Educação Popular. Estes adultos e jovens, homens e mulheres retornam à escola para reconstruir trajetórias e constituir novas histórias.

Os estudantes do CMET Paulo Freire são sujeitos que expressam a complexidade da sociedade brasileira contemporânea, constituem-se por jovens e adultos que apresentam diversidade etária, étnica, social e cultural, são homens e mulheres com experiências de vida e conhecimentos acumulados, mas que em geral nem sempre são reconhecidos pelo currículo tradicional da Escola.

O CMET Paulo Freire tem a sua organização curricular inspirada nas Totalidades do Conhecimento, o que implica em ter um olhar para todas as dimensões da constituição dos seus estudantes, os quais precisam ser compreendidos e reconhecidos nas identidades e dimensões éticas, estéticas e políticas, entendendo que a função social da EJA é a formação do sujeito para a autonomia e a cidadania.

Nesta perspectiva a interdisciplinaridade, que tem o diálogo como fundamento, coloca as diferentes áreas do conhecimento em contato sem, no entanto, perder as suas especificidades, procurando contribuir para a formação integral dos estudantes, com ênfase na dignidade do ser humano.

O Projeto Político Pedagógico da escola, na perspectiva do currículo ao longo da vida, contempla as vivências pedagógicas como um espaço privilegiado de ação interdisciplinar, potencializando o diálogo entre as áreas do conhecimento, as trajetórias e interesses dos estudantes. A vivência pedagógica possibilita um "encharcar-se na realidade" através da escuta sensível das demandas e das histórias dos estudantes

---

[1] Professora de Português

[2] Professor de História

A Leitura além do texto, vivência pedagógica iniciada no segundo semestre de 2018, se propõe a ir além do conteúdo formal, oferecendo um espaço de diálogo entre as "experiências de saber feito" numa lógica, portanto, de desconstrução disciplinar. Assim, a leitura se concretiza como momento de fruição e prática social.

O grupo que participa dessa vivência é formado por alunos de diferentes totalidades, das iniciais às finais, caracterizando-se, então, pela heterogeneidade de faixas etárias e de processos de aprendizagem.

Ao longo dos três semestres, desenvolvemos práticas de leitura de diversos portadores de texto buscando um resgate das infâncias vividas e das infâncias perdidas, uma vez que a maioria dos alunos adultos, e mesmo muitos adolescentes, não vivenciaram experiências de leitura fora do universo escolar.

No primeiro semestre, desenvolvemos leituras e releituras de contos de fadas. Foi latente o encantamento dos alunos diante da magia dos contos de fadas: estabeleciam relações com suas trajetórias de vida num amálgama de emoções, com incursões às memórias afetivas mais viscerais. As mulheres, na maioria oprimidas pelo trabalho e condição social, se permitiram expor suas histórias de vida.

No segundo semestre, diante do atual momento do país, buscamos textos fundantes do sentimento de brasilidade e do nascimento da Literatura no Brasil, como a Carta de Pero Vaz de Caminha e a Canção do Exílio. Uma das práticas foi a escrita da sua canção do exílio. Recorremos ao cinema como texto ao apresentarmos o filme Caramuru - A invenção do Brasil, convidando-os a desenvolver um olhar crítico e um paralelo com o Brasil de hoje. Na perspectiva do intertexto, apresentamos Camões para os alunos e a música Monte Castelo, do Legião Urbana, o que provocou a discussão sobre o amor como algo de complexa definição e inerente à condição humana. Deu-se um momento de catarse coletiva e também uma reflexão sobre a necessidade do amor como elemento pacificador no cenário atual do país. Finalizamos a leitura de textos escritos com Fragmentos de um Discurso Amoroso, de Roland Barthes. Apresentamos o filme Colcha de Retalhos (Jocelyn Moorhouse, 1995) e, a partir dele, concluímos o segundo semestre

confeccionando com os alunos a nossa releitura de uma colcha de retalhos inspirados no tema do filme "Onde mora o amor". A "colcha" expôs as diferentes subjetividades dos alunos e também dos professores, num grande mosaico de amor.

Neste semestre, estamos desenvolvendo a prática de leitura compartilhada de poesias como ato solidário de respeito às diferenças e de proficiência de leitura e escrita. Assim como nos semestres anteriores, os encontros têm sido marcados pelo envolvimento dos estudantes numa relação amorosa com o conhecimento em todas as suas dimensões.

"Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo" (FREIRE, 1998).

**Referência:**

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. O cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez; revisão de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

## **Realização:**

PROEXT - UFRGS  
Projeto Aluno Pesquisador  
Projeto Informática e Comunicação

## **Equipe projetos:**

Coordenadores: Everton Cardoso e Ana Clara Fernandes  
Coordenador Adjunto: José Luis Machado

## **Diagramação:**

Isadora Garcia